

Baú^{do} João 2

Pandemia, resistência e relatos de sobrevivência



Dedicatória

Dedico este e-book a todos os profissionais de saúde que estiveram (e ainda estão) na linha de frente de combate à Covid, correndo risco de vida para cumprir seu dever. Eles são os verdadeiros heróis de nosso país.

Uma dedicatória especial a meu irmão Daniel de Abreu, médico anestesista, clínico e geriatra que, aos 77 anos, segue na linha de frente na Região dos Lagos.



Ficha catalográfica

Baú do João 2: pandemia, resistência e relatos de sobrevivência
Copyright João Batista de Abreu
Textos publicados na página do facebook durante a Pandemia de Covid-19

Projeto gráfico e diagramação: Lena Benz (@LenaBenz-Comunica)
Ilustrações sob encomenda: Claudia Sobral (Estúdio Fazimento)

Agradecimentos a

Lena,
pelo olhar digital na disposição das crônicas e imagens

Cláudia,
pelos desenhos que emprestam novos significados aos textos

Alda,
pelos toques e leituras na versão original

Custódio Coimbra, Luiz Edmundo Castro, Zeca Guimarães e
Wilson Paraná que cederam fotos e ajudaram a colorir este livro

E a todos que leram essas mal digitadas linhas no facebook
ao longo de dois anos da pandemia, curtindo, comentando e
compartilhando.

2022

Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação “O Brasil das entrelinhas”

por João Batista de Abreu |

Primeiro Prefácio “O olhar sobre a vida”

por Julius Cesar Carvalho Pessanha |

Segundo Prefácio “Deus e o diabo nas terras do campus e nas redações”

por Maria Clara Vieira Rousseau |

Crônicas / *corônicas*

- | | |
|---|---|
| 1. Sonho abortado | 18. Hermenêutica da hemorroida |
| 2. A frieza dos números | 19. Saci em silêncio |
| 3. Encontros digitais | 20. Geografia ao avesso |
| 4. Vírus da ignorância | 21. Vida de cão |
| 5. Enfim conhecemos a verdade | 22. Repórter, esse contador de histórias |
| 6. Omissão ou esperteza? | 23. Inimigo oculto |
| 7. Voyeur do cotidiano | 24. Surto de meningite |
| 8. Copiando Tio Sam | 25. O bom gestor |
| 9. Pascoa da solidariedade | 26. Passageiros do trem-bala |
| 10. Economia mórbida | 27. Lógica de guerra |
| 11. Lápis, papel e talento | 28. O inverno ou o inferno da pandemia |
| 12. Chiqueirinho grotesco p.30 | 29. Alô, doçura |
| 13. Dois hemisférios, dois boçais | 30. Vendedor de picolé |
| 14. O violinista | 31. Carnaval em casa |
| 15. Reichstag tupiniquim | 32. Quero vacina de presente de aniversário |
| 16. Vamos deixar de entretantos | 33. A vida não para |
| 17. “Espelho, espelho meu, existe alguém pior do que eu?” | 34. Órfãos etílicos |
| | 35. Eterno ofertório |

Continua...

- | | |
|---|--|
| 36. Carta ao desministro da Educação | 55. Não estão nem aí |
| 37. Brigada da Boquinha | 56. Mamata de caserna |
| 38. Mau gosto | 57. Lista de eufemismos do governo Bolsonaro |
| 39. Jacaré coroa | 58. Curtinhas... |
| 40. Jornalista da minha geração | 59. O Natal e as vacinas |
| 41. Azul desbotada | 60. Morre um poeta |
| 42. Chicletes comunista | 61. Soldadinhos de chumbo |
| 43. Terra Plana | 62. Preconceito contra idosos |
| 44. Passeio imaginário | 63. Pavão Azul |
| 45. Passeio de verdade | 64. Cena no metrô |
| 46. Cheio de graça | 65. Pequena virou estrela |
| 47. Armadilha discursiva | 66. Um passeio no tempo |
| 48. A saga do bom repórter | 67. Flávio Porcello, gente boa |
| 49. O charme e o ouro de Mariana | 68. Carrocinha vazia |
| 50. O general e o Centrão | 69. A menina do pastel |
| 51. Chuteiras inoportunas | 70. Entre a cruz e a espada |
| 52. Futebol na pandemia é circo sem pão | 71. Quarta-feira de cinzas |
| 53. Um convidado bem trapalhão | 72. Carnaval do xixi |
| 54. Messi 1 x 0 Cartolas | |

Mensagem inicial

“Se a única coisa de que o homem tem certeza é a morte; a única certeza do brasileiro é o carnaval do próximo ano”.

Graciliano Ramos



O Brasil das entrelinhas

*João Batista de Abreu
Jornalista e escritor*

Nos últimos dois anos, a morte virou carro-chefe da mídia. Tornou-se o mote do cotidiano de quase todo o planeta, com reações e condutas distintas sobre a mesma ameaça. Difícil encontrar quem não perdeu um parente, um amigo, colega ou vizinho para o novo coronavírus.

Mais de 665 mil mortos e 30 milhões de brasileiros infectados suplantam todas as guerras, conflitos armados, escaramuças, chacinas e pandemias, como a gripe espanhola (1918-1920), desde a chegada de Pedro Álvares Cabral. Remédios milagreiros foram oferecidos, como se quisessem prenuunciar as fake news. Talvez o aprisionamento de indígenas e a morte dos que se rebelavam tenham alcançado números mais expressivos, porém estes dados se limitam às entrelinhas dos livros didáticos e se escondem sob a estátua de genocidas como Borba Gato e o general Moreira Cesar.

Em 22 meses de pandemia, de março de 2020 a dezembro de 2021, o número de mortos havia ultrapassado em 12 vezes o de vítimas da Guerra do Paraguai, nosso maior conflito armado, que durou seis anos (1864-1870).

Baú do João II, a luta do jacaré coroa contra o vírus da ignorância, conta um punhado de histórias da pandemia, em

72 relatos, com o olhar de um jornalista que aprendeu a observar o mundo como voyeur do cotidiano.

O Brasil costuma varrer para debaixo do tapete a história suja marcada pelo extermínio dos povos indígenas e dos povos escravizados vindos d'África. Como dizem os historiadores da École des Anes, a História costuma ser escrita pelos vencedores. Os derrotados desaparecem ou assumem papel secundário na narrativa, mas os capitães do mato, estes sobrevivem sempre a serviço dos poderosos.

A morte tornou-se um artigo de cama e mesa no noticiário de jornais, rádios, TVs e portais, reverberada pelas mídias sociais, às vezes com boas intenções, noutras com objetivos escusos, de acordo com o que existe de mais podre na estratégia da desinformação. E não custa lembrar: as plataformas digitais (big techs) enriquecem ainda mais com as fake News e as deep fakes.

Milhares de passageiros desembarcaram do trem-bala ao longo do percurso, muitos no fim da vida, outros no meio da viagem. Artistas, advogados, agricultores, cineastas, comerciantes, comerciários, ambulantes, escritores, jornalistas, gráficos, operários, donas de casa, professores, radialistas, garis, policiais, profissionais de saúde, muitos

dos quais na linha de frente do combate a dois tipos de vírus: a Covid-19 e o vírus da ignorância. O número de vítimas atingiu patamares tais que obrigaram cemitérios a abrir covas às pressas mostradas na televisão. As imagens dos filmes de terror ganharam contornos de verdade.

O escritor Lima Barreto perpassa a maioria das crônicas, como uma espécie de analista de conteúdo. Crítico voraz dos hábitos dos donos de jornais, nariz empinado para o comportamento da elite carioca – de frente para o Pão-de-açúcar e de costas para o subúrbio – Lima Barreto batia de frente com personalidades como Machado de Assis, Ruy Barbosa e Coelho Neto, além de se revelar um antimilitarista ferrenho. O criador de Policarpo Quaresma foi capaz de votar no desafeto Ruy Barbosa para não ajudar a eleger o marechal Hermes da Fonseca, em 1910.

Detestava os anglicismos que pautavam o linguajar subserviente da elite. Certa vez, incomodado com a expressão inglesa “club” para designar as associações recreativas, como o Fluminense Football Club, escreveu que o “club” natural dos pobres e suburbanos era o botequim. E estes durante a pandemia foram obrigados a fechar as portas, dispensar empregados, reduzir o número de frequentadores e o horário de atendimento. Muitos deles fecharam de vez.

O drama dos pacientes sem direito a leito e oxigênio, o desfecho triste de Kathlen Romeu no morro do Lins; a história de Ana Paula e das filhas Magaly e Gabriela, que foram viver na avenida Graça Aranha, em frente ao Palácio da Cultura, no centro do Rio; os moradores em situação de rua presentes no Largo do Machado e os desempregados de todas as origens locais e sociais. Todos desenham um painel triste de um país em ruínas que luta pela sobrevivência, enquanto a elite econômica e os beneficiários de cargos de confiança nos governos estaduais e federal, civis e militares, tentam locupletar-se sob o manto da impunidade.

Em meio a tantos infortúnios e individualismos, a vida ainda reserva fragmentos de alegria, como o momento de receber as doses da vacina, as ações de solidariedade, a educação demonstrada pelo agente de segurança do metrô, a satisfação da menina do pastel de vento.

“*Crônicas o que são? Pretextos ou testemunhos*”, pergunta José Saramago em um de seus textos publicados no jornal A Capital, de Lisboa, na década de 1960. Busco a resposta em Clarice Lispector: “*Crônica é um relato, uma conversa, resumo de um estado de espírito*”. Ou poderia apelar para Pablo Neruda: “Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias”.

O desabafo do médico patologista Paulo Saldiva no telejornal da TV Cultura, no dia 26 de julho de 2021, sintetiza a dor da gente que não costuma sair no jornal. *“Meu trabalho é conviver com os mortos, mas no caso das crianças guardo na memória o semblante de todas elas. Alguém que perdeu um filho pequeno demonstra um sentimento de destruição que não passa nunca.”*

Na 1ª Guerra Mundial, pouco antes da Gripe Espanhola, o primeiro-ministro francês, George Clemenceau, cunhou a seguinte frase, endossada por Winston Churchill quase 30 anos depois: *“A guerra é importante demais para ser deixada só nas mãos dos militares”*. O que dizer então de uma pandemia que já causou a morte de mais de 5,5 milhões de pessoas em todo o mundo? O que dizer de políticos e empresários gananciosos, que tentam transformar as recomendações de isolamento em um libelo político, como se a vacina e os cuidados preventivos tivessem ideologia?

Este livro não tem a pretensão fácil do sensacionalismo, muito menos da literatice. O objetivo navega entre a denúncia do descaso e da incompetência das autoridades e a singeleza da solidariedade

Este livro não tem a pretensão fácil do sensacionalismo, muito menos da literatice. O objetivo navega entre a denúncia do descaso e da incompetência das autoridades e a singeleza da solidariedade de quem luta pela vida dos outros e pela própria vida, entre a dor e o esforço para reagir.

de quem luta pela vida dos outros e pela própria vida, entre a dor e o esforço para reagir. Afinal, mesmo na pandemia, param os serviços, para a economia, suspende-se a alegria, mas a vida, esta não congela, não para nunca.

Até mesmo mestre Graciliano Ramos não poderia prever os efeitos desastrosos da pandemia quando escreveu: *“Se a única coisa de que o homem tem certeza é a morte; a única certeza do brasileiro é o carnaval do próximo ano”*. Pois não é que o vírus cancelou a única certeza nacional.



O olhar sobre a vida

Julius Cesar Carvalho Pessanha
Jornalista e professor | Duque de Caxias, RJ

Fazer o prefácio de um livro de crônicas é um exercício de também ser cronista. As memórias misturam-se aos fatos presentes, às reflexões. Os afetos se apresentam, se expõem e nos dão a medida do texto livre que é a crônica. Ora é atravessada pela opinião, ora pela emoção, ou pela simples descrição. Mas estão lá os afetos sentidos pelo autor, que deixa para o leitor um retrato de si em 3 x 4. Não se revela tudo, mas as pistas sobre sua personalidade e o olhar sobre a vida aparecem.

Aqui, trago uma memória. Entrei no curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense em 1994. Chegava da Baixada Fluminense e aquele espaço, por mais que tivesse buscado estar lá, não parecia meu. Aos poucos, relações de amizade foram-se firmando. Eu ainda cru de universidade, sem saber quem seriam nossos professores, ouvi um colega, infelizmente já falecido, vítima de um derrame, Julio Cesar Brasil, o Dino, com seu jeito peculiar de falar, rouco e sempre ajeitando os óculos no rosto: “João Batista é f...”

A referência era ao conhecimento do professor e o quanto isso acrescentaria em nossa experiência de estudantes de Jornalismo. Devido aos descaminhos da trajetória na Universidade, o professor se licenciou para defesa de tese e não

fui seu aluno. Isso ainda havia de ser remediado.

Corta. Pensemos no presente. Escrevo para fazer a abertura das cortinas sobre esse palco que são a crônicas do *Baú do João II – pandemia, resistência e relatos de sobrevivência*. Há nelas a indignação de quem viu, como muitos de nós, a negligência do governo federal sobre a gestão da saúde. Com um discurso negacionista, distribuição de fake news, omissão diante da saúde e aumento da pobreza, cobrou-se a ação de quem ainda tinha alguma margem de manobra. O professor João Batista, desculpem, vou chamá-lo de professor sempre, trouxe em suas crônicas a denúncia dessas insanidades governamentais. A leitura de “*A frieza dos números*”, é um belo exercício de crônica jornalística. Curta, com fatos e números, incisiva. Lá há denúncia. A denúncia é a ação pela palavra. Ela nos retira do lugar de conforto, provoca incômodo.

Em meio à pandemia, não bastou ao professor escrever crônicas. Moveu-se também em projeto conjunto da Universidade Federal Fluminense, com apoio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e da FIOCRUZ, em que produziu roteiros para audiodrama em podcasts. COVIDA apresentou em linguagem coloquial, simples, direta,

as formas de se prevenir do vírus da Covid-19. Denunciou a situação precária em que trabalhadores no dia a dia ficavam expostos aos vírus. Aqui se vê a tarefa pedagógica do jornalista/roteirista. Por mais que os podcasts fossem ficções, neles eram veiculados dados da realidade. Fui chamado por ele a participar e aí se promove outra ação.

Em casa, trabalhando e estudando remotamente, estava em meio à especialização em Pedagogia Social. A PS cobra o fazer e refazer educativo, a ação-reflexão-ação, o ser coerente entre palavra e ação, o olhar de amor pela humanidade em um projeto de educação com um viés horizontal, de dignidade e parâmetros nos direitos humanos. Vai à PS quem com ela se identifica. Seu referencial se encontra em Paulo Freire, que nos alerta para a coerência entre o dizer e o agir.

A mim chegavam notícias a toda hora de pessoas passando por situações difíceis, indignas. A fome voltava a mostrar sua cara nas comunidades. Enchentes desarticulavam as moradias precárias. Mas sabia que aquilo não se resumia ao espaço em que vivo, sabia que essa fome, fruto da omissão assassina de um desgoverno, se espalhava junto com a doença, fruto da mesma omissão.

Angustiado por ainda não ter feito algo, eu, professor do ensino fundamental, e amigos da Baixada criamos o Solidarize Primavera. O nome vem

de Jardim Primavera, bairro em que resido em Duque de Caxias. Apesar do “Rodo Cotidiano”, canção usada em um dos podcasts, andamos por aqui em comunidades esquecidas, onde o poder público não põe um esforço que seja de melhoria da qualidade de vida das pessoas que lá residem. Nessas comunidades há fome, falta de água encanada, esgotamento sanitário, transporte... Saúde! A ideia já existia, mas acenderam o rastilho o COVIDA, projeto do professor e a Pedagogia Social.

O professor capta muito bem em suas crônicas esses que são os atingidos com mais gravidade pela pandemia. Os negros, as mulheres, os mais pobres, os periféricos, cujas vidas são elimináveis, de acordo com a visão da necropolítica que tomou conta do poder central. Agora temos 22,2 milhões de contaminados e 616 mil mortos, números absurdos. Triste é lembrar que esses números podem ser subdimensionados pela falta de estrutura de atendimento e testagem. Os mortos pela Covid superam a Gripe Espanhola e a Guerra do Paraguai, conforme dados da apresentação deste livro.

As crônicas explicitam a desigualdade no país, põem sob holofotes o desejo de extermínio das populações pobres, as quais sabe-se da cor da pele: preta e parda. São as populações submetidas à violência do Estado, sem mandados de busca, sem respeito a suas propriedades, sem o direito de ir e vir

garantidos. De uma hora para outra, um estampido na favela tira uma vida. Pior ainda quando são vidas inocentes. Em “*Sonho Abortado*”, vemos a tristeza da perda de uma filha, e uma outra mãe jornalista que se solidariza. Fica o spoiler.

Não deixa de ter espaço nos textos o momento da emoção. O reconhecimento de experiências em comum vividas num mesmo espaço, ainda que um não tenha conhecido o outro. É assim na crônica “*Encontros Digitais*”, em que João Batista faz um texto de despedida de uma amiga virtual, Maria Tereza Senise, que conheceu pelo facebook graças a suas crônicas! Entre eles alguns pontos em comum, como o próprio jornalismo que estava presente e muito bem representado na família da amiga virtual que se foi. Ainda há grande sensibilidade em “*A Menina do Pastel*”, em que o olhar do repórter percebe a ação de pessoas comuns no seu dia a dia. Em “*Carrocinha Vazia*” a memória que se dá pelo afeto é exposta na despedida feita a Tião, o pipoqueiro que viveu uma vida inteira de trabalho à frente do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS-UFF).

Como disse, escrever um prefácio sobre um livro de crônicas é por si só um exercício de escrever uma crônica. Se prestou atenção, escrevi aqui sobre

as crônicas e as aproximações com o professor. Deixei em aberto, no segundo parágrafo uma informação: a de que sanaria o fato de não ter sido seu aluno na graduação da UFF. Ao final da faculdade, após ter trabalhado em 1999, com mães da Catedral de Santo Antônio, em Duque de Caxias, no Centro de Defesa da Vida, resolvi escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a violência doméstica na imprensa diária do Rio de Janeiro.

Procurei o professor João Batista de Abreu para ser meu orientador. Após ler o que eu já tinha escrito, chamou-me a atenção para usos de linguagem jornalística, para as citações e entrevistas feitas para comprovar a hipótese do trabalho. Sim, meus caros, acabei sendo seu aluno. E os ensinamentos estão na minha prática diária, hoje, mais como professor do ensino fundamental de Língua Portuguesa. Aqui seguem as observações agudas do dia a dia feitas pelo professor e, ao mesmo tempo, há a pedagogia inserida nas lições de jornalismo e nos dados que podem nos trazer a percepção dos fatos de forma ampla, clara, crítica. Agora, basta ler com olhar apurado, atenção aos fatos e à sensibilidade que o professor imprimiu a seus textos.



Deus e o diabo nas terras do campus e nas redações

Maria Clara Vieira Rousseau

Jornalista e mestranda em Ciências da Religião | Lorena, SP

Logo que abri a página em branco nomeada “Prefácio do Baú do João” e a intimidante barrinha vertical começou a piscar na tela, me dei conta de que o tempo passou rápido. Em 2022, o segundo ano d. C. (depois do coronavírus), completam-se 10 anos do dia em que eu conheci o João. Ou talvez no comecinho de 2013 – as duas greves que entrecortaram meus cinco anos na Universidade Federal Fluminense desorganizaram a memória.

Durante evento acadêmico com pesquisadores de outras universidades, quis carimbar meu passaporte de católica carola em uma apresentação sobre a comunicação da Igreja. Ao final da palestra, interpelei o pesquisador com um comentário sobre a popularidade do falecido cardeal polonês Karol Wojtyła. O mediador recordou, com um quê de ironia, que fora justamente João Paulo II o responsável pela ameaça de excomunhão do teólogo Leonardo Boff, um dos fundadores da Teologia da Libertação.

Não soube o que responder, mas marquei o sorriso irônico e os cabelos brancos até, finalmente, vingar-me na longa trajetória do TCC sobre o uso político das imagens de Nossa Senhora Aparecida e de Fátima. Como meu orientador, eu o obriguei a ler algumas dezenas de páginas sobre (São) João

Paulo II, precedidas por uma epígrafe de Dom Helder Câmara.

Alguns momentos desta trajetória foram especialmente emocionantes. Logo que entreguei uma das primeiras versões do projeto, tomando como referencial teórico o trabalho de Antonio Gramsci, fui surpreendida com uma pergunta do João: *“Você tem certeza de que vai utilizar um referencial teórico marxista? Não quero que venda sua consciência. Você precisa acreditar no seu trabalho”*.

Ainda que lhe reconheça alguns méritos, eu, de fato, nunca fui fã de Karl Marx, nem da maioria de seus discípulos, de modo que a passagem por um curso de humanas em uma universidade federal foi um desafio intelectual e, eventualmente, emocional. Entre as justas críticas ao senso comum, ao pensamento religioso e, sobretudo, ao deus do mercado, não raro há alguma má vontade e – por que não? – intolerância com a divergência. Nutro grande respeito por todos os mestres que passaram pelo meu caminho e posso afirmar que nunca me senti deliberadamente desrespeitada na UFF. O João, entretanto, foi além: foi quem me fez sentir compreendida.

Por tudo isto, foi com muita honra que recebi o convite para escrever este pequeno prefácio para a segunda edição

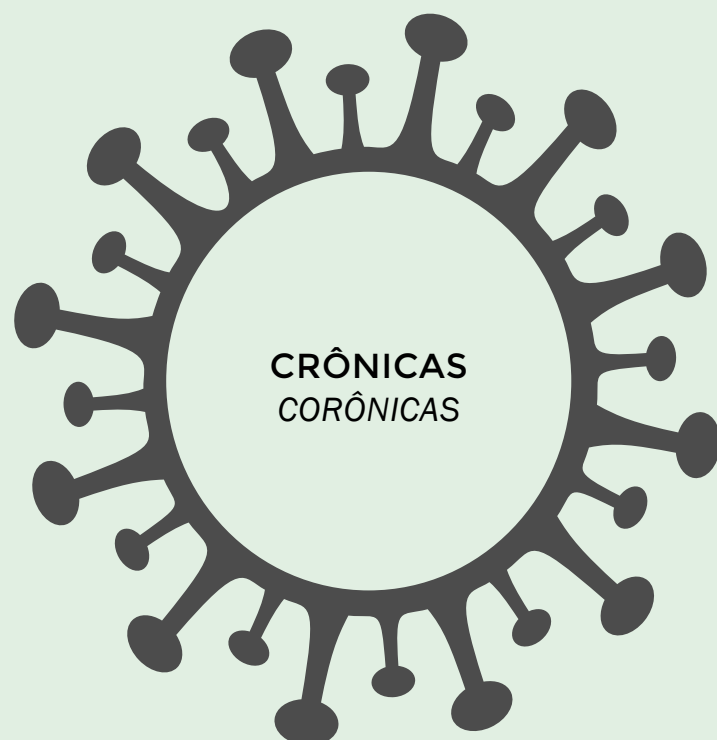
do Baú do João. Não foi por acaso, afinal, que o escolhi como orientador. Desde as primeiras aulas de Linguagem Jornalística, no segundo período, ler o João sempre foi um prazer. Longe de mim querer arvorar-me a teóloga da escrita, mas acredito, a clareza e a elegância são virtudes imprescindíveis ao bom jornalista, e o autor destas crônicas as tem de sobra. Pouco adianta ter a melhor apuração do mundo sem a capacidade de tragar o leitor para a cena, com o rigor de quem lhe respeita o intelecto e a simplicidade de quem lhe olha nos olhos. João é, como confessa nas crônicas, um “voyeur do cotidiano”. Ouso professar também que só os bons observadores são capazes de ensinar.

Sobre o livro que chega às telas dos leitores, tenho a dizer que encontrei as coisas mais importantes que aprendi com o primeiro professor que me fez sentir de fato vontade de ser jornalista. Na última vez que conversamos sobre este texto, inclusive, ele pediu que, ao escrever o prefácio, não me debruçasse apenas sobre os méritos do autor, mas sobre a experiência na universidade, como estudante recém-chegada de uma cidade paulista do Vale do Paraíba.

Confesso, contudo, que sou incapaz de escapar dos assuntos que me são caros e que marcaram minha trajetória acadêmica como jornalista e, agora,

como mestrande em Ciências da Religião na PUC de Belo Horizonte. Ensina o teólogo Rubem Alves que “Deus é símbolo que marca uma proibição de falar. Onde ele se diz, estabelece-se um grande silêncio. Não podemos falar sobre Deus, mas podemos falar sobre as coisas humanas”. E eu preciso te advertir, leitor, que ao abrir este segundo Baú do João, você há de esbarrar em um tanto de experiências humaníssimas: da justa indignação com a política, sobretudo em nome dos que mais sofrem com os desvarios de um governo autoritário e blasfemo, às cenas coletadas pela paisagem carioca que misturam o passado e o presente do Rio, o que foi e o que não foi manchete.

Ocorre que, por mais áspera que seja a descrição que o João faz desta realidade, ali, nos pormenores, a coisa humana e divina que se esconde nas entrelinhas como o Deus indizível de Rubem Alves é a virtude teologal da esperança. Não a ilusão pueril que ignora o massacre cotidiano, mas a “luz no fim do túnel do metrô carioca” que só se acende aos que estão atentos o suficiente para encontrá-la numa lanchonete do Catete. Ao leitor, o desejo de que o mergulho neste baú seja tão agradável e refrescante quanto foi para mim. Ao João, fica meu “obrigada” por tudo o que já agradei noutras ocasiões e pelo privilégio de assinar este espacinho.



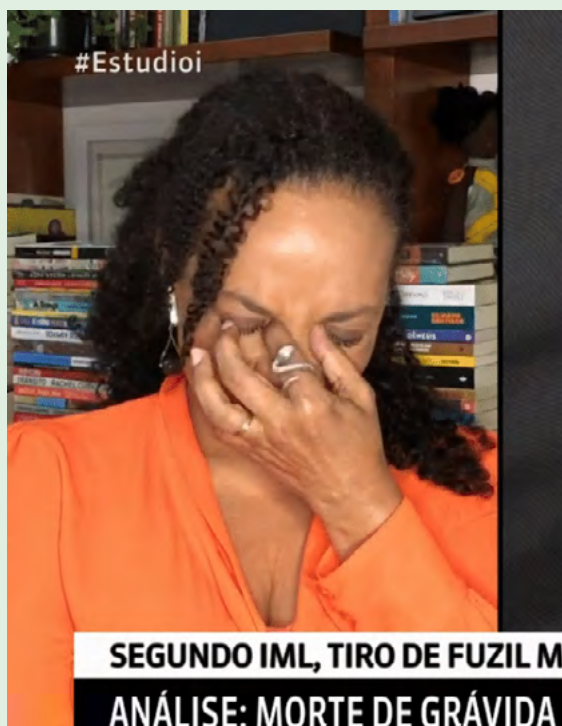
Sonho abortado

“**D**e ilusão e ilusionismo também se vive. Talvez por isso o repórter morra mais cedo do que profissionais de outros sonhos. É ele, quase sempre, por dever de ofício, a testemunha fiel dos sentidos. Ver, ouvir e refletir os fatos como eles realmente aconteceram.”

A frase do repórter José Gonçalves Fontes, três vezes Prêmio Esso, mestre de algumas gerações de focas como eu, me veio à cabeça quando vi a imagem de Flávia Oliveira na *Globonews* aos prantos relatando a morte da *designer de interiores* e modelo Kathlen Romeu, 24 anos, grávida, em uma ação da Polícia Militar no complexo do Lins. De acordo com o Instituto Fogo Cruzado, Kathleen é a 15ª jovem grávida baleada na região metropolitana do Rio de Janeiro nos últimos quatro anos. Oito morreram.

Aprende-se na escola que o jornalismo exige isenção e objetividade para a narração fria dos fatos, mas nem sempre é assim. Fica difícil manter distância quando o repórter/ colunista se identifica com a história. Flávia tem uma filha de 24 anos que deu à luz em plena pandemia. Jacqueline Oliveira, mãe de Kathlen e moradora na favela, tinha o mesmo sonho de Flávia: ser avó de uma criança negra que, assim como a filha, realizasse o desafio da ascensão social. O jornalismo pode exigir objetividade, mas a comunicação desperta e valoriza o afeto desde que não fabricado, mas verdadeiro. Neste caso vale também o registro da indignação da jornalista. Uma indignação que nos representa como cidadãos. Quanto maior o afeto, mais eficaz a comunicação.





O choro de Flávia é o choro de todos que sonham com uma cidade compartilhada, em vez de partida. Do outro lado, temos um porta-voz da Polícia com formação militar, igualmente negro, que tem a missão de justificar a ação dos colegas de farda. Missão impossível. Se voltarmos aos tempos do Império, em que o homem negro escravizado não passava de mercadoria, os senhores da terra contratavam homens negros livres para capturar escravizados fugitivos. Pagavam bem aos capitães do mato pela captura. Mais de 130 anos depois, os capitães do mato vestem farda e nem sempre o objetivo é a captura.

ATÉ QUANDO?



Frieza dos números

A morte de uma pessoa amiga traz uma dor insuportável, a morte de alguém desconhecido é triste, a morte de dezenas de pessoas num acidente é lamentável, mas a morte de milhares costuma ser tratada pelas autoridades e meios de comunicação como simples estatística, com curvas ascendentes e descendentes. Quando o jornalismo quer dar uma ideia da dimensão real de um fato, busca a comparação.

Moro em um edifício de 15 andares, com três blocos e 171 apartamentos.

Edifício Zacatecas, um prédio de 76 anos. Se a média por unidade alcançar quatro indivíduos, residem aqui quase 700 pessoas. Nas últimas 24 horas morreram só no Reino Unido 709. É como se todos os moradores do meu prédio desaparecessem em um só dia. Na Itália este número vem-se repetindo de forma avassaladora nos últimos 10 dias.

É preciso ter um desprezo profundo pela vida humana para pensar na economia em primeiro lugar.





Encontros digitais

O mundo virtual prega peças na gente quando menos se espera. O *facebook* faz parte desse universo de encontros digitais, às vezes aparentemente íntimo, às vezes distante. Muitos a gente conhece em carne e osso, outros somente pelas fotos expostas, a opinião, a expressão, a indignação diante dos fatos relatados. Nos últimos anos conquistei uma amiga de *facebook* que se identificava com o que escrevo. Descobrimos diversas identidades e semelhanças. Ela havia crescido em Laranjeiras, tinha morado a três quadras, frequentava os mesmos pontos, comprava no mesmo comércio.

Tudo isso fomos descobrindo pelo *face*, esse mundo virtual de frivolidades. Quando postei uma crônica sobre as grades do Edifício Heris, na Rua das Laranjeiras, em frente à rua Ipiranga, ela me mandou mensagem *inbox* dizendo que havia chorado. Também pudera. Qual criança criada no bairro não gostava de subir na mureta e caminhar 20 metros com a sensação de gravitar no ar? Há três anos o síndico, talvez por conta da segurança, mandou cravar

sobre as muretas de mármore grades de ferro. Sinal dos tempos. Em fevereiro, quando lancei o *e-book* com crônicas sobre o Rio de Janeiro, mandei por *e-mail* a seu pedido, com a sugestão de que ela compartilhasse entre os familiares e vizinhos.

Ontem recebi pelo mesmo *face* uma notícia triste. A repórter Christine Ajuz, colega de JB, avisava que Maria Tereza Senise, 78 anos, sofrera um infarto fulminante. Só então descobri que minha amiga virtual era neta do pensador católico Alceu Amoroso Lima, meu guru nos tempos da faculdade pelos artigos corajosos que publicava no *Jornal do Brasil*, sob o pseudônimo Tristão de Athayde, denunciando casos de tortura e desrespeito aos direitos humanos durante a ditadura. A coragem de Alceu o levou a ser escolhido patrono de minha turma de Jornalismo na UFF, em dezembro de 1975. Uma cerimônia que não se realizou por conta das ameaças de órgãos de segurança presentes ao local, na Associação Fluminense de Jornalistas, em Niterói.

Maria Tereza é mãe do locutor esportivo Robby Porto e foi casada com Roberto Porto, grande botafoguense e jornalista, meu contemporâneo no *Jornal do Brasil* nos anos 1970. Robertão, como era conhecido, teve como enteado o advogado Mário Bittencourt, atual presidente do Fluminense F.C, que admirava muito o padrasto. Nunca

estive pessoalmente com Maria Tereza, mas nossas coincidências nos tornaram amigos fraternos virtuais. Como seria bacana se ela pudesse continuar lendo minhas crônicas lá no céu. Nem precisa comentar.

Hoje, quando visitei sua página, vi lá uma mensagem irônica com a qual me identifiquei.





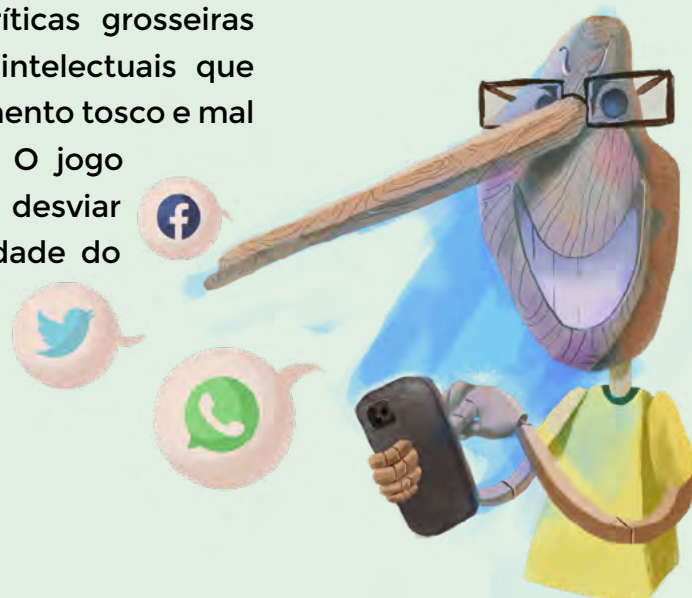
Vírus da ignorância

Recebi um *whatsapp* que levanta a possibilidade de a propagação do coronavírus ter sido estimulada pela equipe econômica do ministro Paulo Guedes a fim de reduzir o déficit público. A ideia seria inocular o vírus produzido em laboratório e espalhar nas praças e parques das grandes cidades. Assim os aposentados e pensionistas ficariam mais expostos e poderiam sucumbir. O estudo de redução do déficit estima em R\$ 300 bilhões em 10 anos a economia com suspensão de pagamentos de aposentadorias e pensões.

Esta história é uma tremenda estupidez, mas muita gente acredita e espalha idiotices como estas, desde que atendam seus interesses políticos e pessoais. O nome disso é falta de caráter. Vamos ser mais seletivos e evitar fazer jogo semelhante à da quadrilha que utiliza robôs para espalhar *fake news*.

Hoje de manhã recebi um longo texto no *whatsapp*, atribuído ao cineasta Arnaldo Jabor, com críticas grosseiras a professores, padres, intelectuais que condenam o comportamento tosco e mal educado de Bolsonaro. O jogo é o mesmo de sempre: desviar a atenção para a gravidade do quadro social e sanitário.

ilustração: Claudia Sobral



Enfim conhecemos a verdade



“**C**onhecereis a verdade e ela vos libertará”. O versículo da Bíblia, tão explorado pelo Messias da morte, se encaixa como uma luva para entendermos os bastidores do governo federal a partir da reunião ministerial exibida na TV em abril de 2020, com autorização do ministro Celso Melo, do Supremo Tribunal Federal. Cenas de bajulação, grosserias, palavrões, ameaças, intimidações, loas à estupidez, revelações de tática vergonhosa para desregular as leis de proteção ao meio ambiente. Tudo em duas horas de um espetáculo que poderia ser chamado de “os cavaleiros da tábua medonha”.

As imagens sem cortes nos revelam um governo composto, em sua grande maioria, por bajuladores, despreparados e ministros vulgares, que lançam ataques ao STF para merecer elogios do chefe. Enfim conhecemos a verdade,

mas a libertação só virá mesmo quando essa figura patética, com fortes traços de psicopatia, for desalojada do poder. Não por um golpe, que é o que essa corja está acostumada a fazer, mas pelas vias democráticas do *impeachment*.

O Brasil não merece um presidente que confessa estar no cargo para proteger a família e os amigos, diz palavrões e faz ameaças a quem dele discorda. Nem uma palavra, nem dele, nem de ministros, inclusive daquele da Saúde, sobre a pandemia que no dia 22 de maio já se anunciava devastadora. O Brasil não pode ter à frente um personagem ignorante que usa linguagem chula para se expressar diante de seu ministério. Fico imaginando o que devem pensar os aspirantes da Academia Militar de Agulhas Negras com este exemplo de militar fracassado nas Forças Armadas que chegou à presidência da República.

Omissão ou esperteza?

O diretor do WhatsApp no Brasil alega quebra do “princípio de privacidade” para se opor ao projeto de lei que coíbe as *fake news* a ser votado no Senado e, se aprovado, depois na Câmara. O executivo da empresa estrangeira de tecnologia diz que é inviável para as plataformas de mídia social controlarem e armazenarem mensagens por três meses, mesmo aquelas enviadas simultaneamente a 2 mil pessoas. O executivo parece não estar nem aí para o uso criminoso destas plataformas por pessoas que difamam e lançam mentiras sobre adversários políticos ou inimigos.

E se o mesmo argumento fosse usado em casos de prática de pedofilia? Estes crimes odiosos também são cometidos em domicílios. Será que entrar em casa particular, com autorização judicial, também seria invasão de privacidade? Os donos de plataformas comerciais precisam parar com hipocrisia e assumir sua responsabilidade social, em vez de só pensar em dinheiro fácil. Enquanto os executivos se mantêm omissos, o gabinete do ódio faz a festa.



Voyeur do cotidiano



Fotos: À esquerda, foto de Augusto Malta. Igreja do Largo do Machado, s/d. Rio de Janeiro, RJ / Acervo Biblioteca Nacional | à direita: foto de Zeca Guimarães, julho de 2013.

Hoje de manhã fiquei meia hora no Largo do Machado à espera do Igor Simões, um ex-aluno que embarcaria comigo no metrô. Ao contrário do que se possa imaginar, uma doce espera. Afinal de contas, mesmo morando desde criança em Laranjeiras e frequentando o consultório de meu pai, cirurgião-dentista, em cima da loja do Bob's por mais de 20 anos, não me recordo de ter permanecido tanto tempo sozinho num daqueles bancos de cimento como um observador desinteressado que não está obrigado a fazer juízo fácil de valor, nem apurar nada e voltar correndo para a redação.

Apenas um voyeur do cotidiano. Pouca coisa mudou no entorno nestes 50 anos.

A garagem da Light perdeu sentido com a aposentadoria dos bondes, o Lamas trocou de endereço, a sinuca do Pontes fechou, o Bob's também, o prédio do suntuoso cinema São Luiz foi abaixo para subir mais um espigão. A igreja de Nossa Senhora da Glória, cuja pedra fundamental da construção foi lançada pelo imperador Pedro II, esta continua imponente.

Não é de hoje que aquele quadrilátero funciona como um território público em constante disputa, diríamos antropólogos de botequim. Ali convivem, nem sempre tão harmonicamente, moradores em situação de rua – pedintes de ajuda ou não – cadeirantes, idosos e cuidadoras,

estudantes, ciclistas, gente que passeia os cachorros ou quer apenas desfrutar de alguns minutos de descanso antes de pegar no serviço.

O único lugar que parece organizado é a fila indiana dos vendedores de passeio ao Corcovado, postados em frente à estação do metrô. O quiosque repleto de flores se destaca logo atrás, mas como a grana anda curta em tempos de desemprego e pandemia, as flores não trocam de mãos.

Na passagem de um senhor bem vestido, um morador de rua arrisca: “o senhor tem uma moeda pra me dar?” Diante do aceno negativo com a cabeça, o homem se rebaixa gratuitamente como se quisesse sensibilizar: “Pode jogar a moeda no chão que eu apanho”.

A moça do estacionamento para de consultar o celular, se levanta e retoma o trabalho. A mulher loura dos cachorros responde aos comentários provocativos de quem ocupa os bancos em torno do chafariz com a imagem de Nossa Senhora da Glória e ameaça: “Se você não parar, vou te tomar a cachaça” e sai com um sorriso de soslaio como se fosse ela a provocadora. Com ou sem ameaça, o fato é que a moça dos cachorros foi a única a interagir com os moradores de rua naqueles 30 minutos de espera.

De casaco, calça moletom zurrada e sandália havaiana, outro homem, uns 35 anos, passa pelo banco onde está este voyeur com um copo vazio de plástico

e começa a cantarolar em voz alta: “*Oh, happy day*”.

Ele percebe que chamou a atenção e começa a falar para que eu ouvisse: “Às vezes há certas pessoas que olham pra gente e fazem um diagnóstico assim, assim ... mas não sabem ou parecem não saber o que é uma pessoa boa”. E emenda a seguir: “Se eu quisesse ganhar dinheiro, voltava a trabalhar em Jacarepaguá, no Projac”.

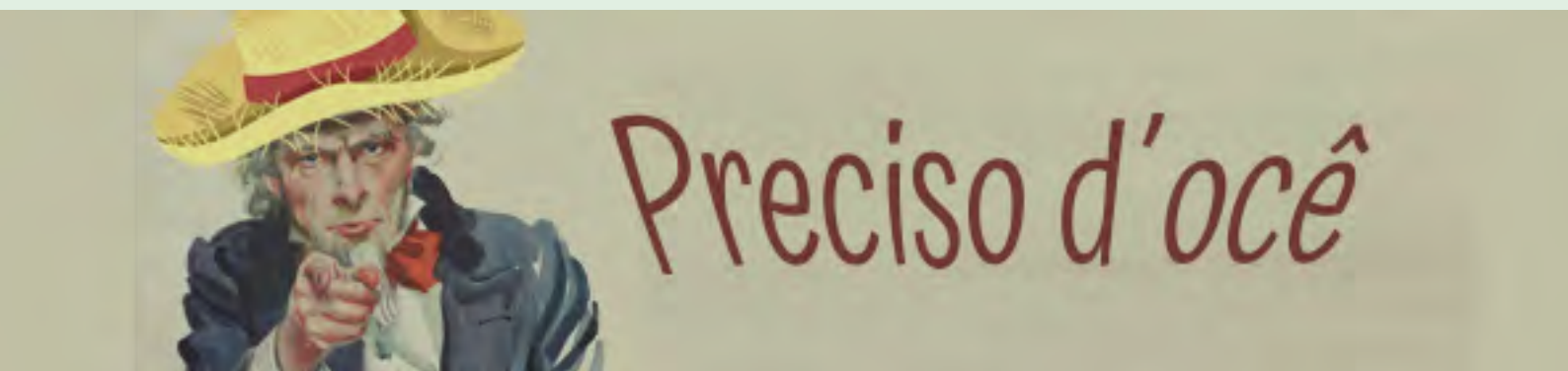
O cotidiano inspira e simultaneamente imita a ficção. A distância entre o Lardo do Machado e o Projac é do tamanho da nossa imaginação. E se a fala do moço do copo vazio for mesmo verdade, qual o problema? Quantos figurantes, auxiliares de cenografia, iluminação, contrarregras, costureiras, motoristas ficaram sem trabalho com a suspensão das gravações faz telenovelas?

Daria um belo conto de Machado de Assis, o bruxo que coincide com o nome da praça. Mas aquilo que podemos imaginar nem sempre corresponde à verdade. O antigo Largo das Pitangueiras do início do século XIX, perto da foz do Rio Carioca, ganhou o nome atual não por conta do autor de Dom Casmurro, mas porque no local havia um comerciante chamado André Nogueira Machado que resolveu estampar o desenho da ferramenta na fachada de seu açougue. O moço do Projac pode ser tão dissimulado quanto a Capitu, o que aliás não faz a menor diferença. O importante é a imaginação.



Copiando Tio Sam

Leio na coluna do Anselmo que ex-alunos do Colégio de Aplicação da UERJ se movimentam para arrecadar recursos a fim de comprar 500 *tablets* para estudantes sem condições financeiras nesses tempos de aula *online*. Vai aqui uma sugestão: se cada um dos 120 desembarcadores do estado, mais os desembarcadores federais, juízes, procuradores e promotores, contribuírem com o equivalente a um *tablet*, já teremos mais da metade do caminho andado.



Muitos destes servidores passaram por CAPs, Pedro II, Cefet e Colégio Militar, e depois pela faculdade de Direito da UERJ. Seria uma demonstração de agradecimento pela educação recebida. Professores universitários em fim de carreira, da UERJ e de universidades federais, também podem entrar nessa vaquinha. Se gostamos tanto de copiar exemplos dos Estados Unidos, por que não seguir esta ação de solidariedade que costuma ser comum na terra do Tio Sam?



Páscoa da solidariedade (ou Judas da Modernidade)

Se a Páscoa é mesmo o momento de comemorar a ressurreição de Jesus de Nazaré, esta da pandemia pode significar também a ressurreição de outra natureza: a da solidariedade. De todos os cantos do mundo, recolhemos exemplos de pessoas e comunidades esforçando-se para ajudar o próximo. Começa com os profissionais de saúde, que se expõem para atenuar o sofrimento dos infectados nos hospitais. Mas não são apenas eles que correm risco de contaminação no trabalho. Caixas de mercado, atendentes de farmácia, motoristas, caminhoneiros, garis, bombeiros, policiais também se expõem neste cotidiano imprevisível.

Outro grupo de risco são os moradores de rua e os voluntários que se dispõem a ajudá-los. Empresas fazem doações, outras mudam a natureza de seus produtos para colaborar no combate ao coronavírus, donos de restaurantes oferecem refeições gratuitamente, enfim uma infinidade de bons exemplos. Em Paraisópolis, a segunda maior favela

de São Paulo, as lideranças locais se movimentaram e conseguiram uma ambulância com equipe médica para atender os 100 mil moradores.

No canal de TV SIC de Portugal assisto a uma iniciativa comovente do padre José Fernando, da cidade de Moscovide, junto a Lisboa. Ele colocou uma imagem de Nossa Senhora da Conceição sobre um carro velho e percorreu as ruas da aldeia com um alto-falante abençoando as pessoas na janela, a maioria idosos. De onde vem menos auxílio aqui no Brasil é do Estado. Esta Páscoa é mesmo diferente. Quando Jesus foi condenado à morte, o governante Pôncio Pilatos percebeu a injustiça, mas preferiu lavar as mãos para não enfrentar a ira popular. Na época não havia álcool em gel.

Mais de 2 mil anos depois, o governante daqui, que se diz homem de Deus, faz pior. Não lava as mãos e ainda prega a livre circulação dos brasileiros nas ruas. Para o nosso Judas da modernidade, a vida humana vale bem menos do que 30 dinheiros.

Economia mórbida

A coluna de Leonardo Sakamoto no Uol deste sábado trata de um aspecto perverso adicional sofrido pelas vítimas da pandemia. Desde a entrada em vigor da reforma da previdência, quando o cônjuge morre (atenção Sérgio Moro, o certo é cônjuge, e não conje), a viúva passa a receber apenas 60% do valor da aposentadoria, acrescido de 10% para cada filho menor de 21 anos. Além disso, ela é obrigada a abrir mão de sua aposentadoria ou a do marido falecido. O mesmo ocorre se quem morre é a mulher. O marido só pode receber pensão se não tiver aposentadoria.

Não custa lembrar que, em uma economia recessiva, uma pessoa com mais de 60 anos não tem qualquer chance de ser reabsorvida pelo mercado de trabalho. De acordo com o Ministério da Saúde, 72,9% dos brasileiros mortos pela Covid 19 até setembro de 2020 tinham mais de 60 anos, portanto estavam aposentados ou em vias de. São mais de 100 mil trabalhadores das mais variadas categorias sociais.

Trocando em miúdos, a pandemia tem proporcionado uma economia substancial nos gastos da previdência, ou seja, a União deixa de gastar com as vítimas da pandemia. Essa constatação ajuda a entender o discurso negacionista do psicopata do Planalto e de seus asseclas, assim como a inoperância dos militares aquartelados no Ministério da Saúde.



O cálculo macabro tem a ver com o conceito de necropolítica, desenvolvido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe. Doutor em História pela Sorbonne, ele leciona numa universidade de Joanesburgo, na África do Sul e em outra nos Estados Unidos, Mbembe observa

que políticas públicas de nações ricas e de gestores que governam para a elite tendem a produzir resultados sociais devastadores. Nesta espécie de “Escolha de Sofia” do século XXI, os campos de concentração representam a periferia das grandes cidades e a fila dos hospitais públicos. A morte é apenas um detalhe. E olhem que a vacina ainda não veio.

Lápis, papel e talento

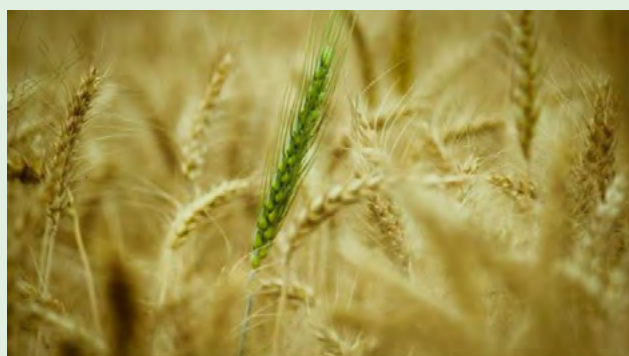
Daniel Azulay, 72 anos, é um desses artistas que farão falta aqui na Terra. Desenhista com traços de pedagogo, sem pompa e com muito talento, ele ensinou as crianças a brincar e realizar sonhos com as coisas simples que o papel e o lápis proporcionam. Lembro dos programas dele na TVE e aqui em Laranjeiras. Vai ensinar desenho e dobraduras de papel lá no céu.





Chiqueirinho grotesco

Demorou, mas enfim as direções de redação da *Folha de S. Paulo* e do *Globo* decidiram retirar os repórteres em Brasília daquele circo de horrores em frente ao Palácio da Alvorada. Além de ouvir imbecilidades e humilhações de um psicopata, que se comporta ora como ditador, ora como palhaço amador, os profissionais ainda tinham que aturar os insultos da claqué que se posta em frente, separada apenas por uma corda.



Fui repórter durante a ditadura, tive que aturar muita grosseria de seguranças e autoridades, mas nada se compara a esse espetáculo deprimente perpetrado por uma figura grotesca que envergonha o País. Os jornais, rádios e televisões de chapa branca permanecerão lá reverberando a ignorância. Fazer o quê? Pelo menos o eleitor e o leitor saberão quem é trigo, quem é joio. Só que, como dizia Mark Twain, *é preciso não publicar o joio.*



Dois hemisférios, dois boçais

Triste do país que, em momento grave como este, se percebe na mão de um boçal aloprado que faz questão de pôr em risco a saúde de milhões de cidadãos em favor de um projeto político de reeleição. A avaliação vale para dois tipos de boçal. O ianque que insiste em difundir a expressão “vírus chinês” para colocar a culpa da Covid-19 no seu principal adversário econômico e se preocupa apenas com os efeitos da paralisação no índice Dow Jones. Não importa que a cidade de Nova York, a maior do país, esteja à beira de se tornar o centro mundial da maior epidemia dos últimos 100 anos, com milhares de mortos, e falta de equipamentos de respiração. O que importa é garantir a reeleição.

Em Pindorama, outro boçal vai à TV em rede nacional para insuflar os agentes econômicos a desrespeitar as orientações dos governadores e de seu ministro da Saúde, para que a população fique em casa. O boçal exorta os donos de colégios e dirigentes de escola pública a retomar as aulas, sem qualquer cuidado com o risco que pode acarretar às crianças.

Fracassado na carreira militar, o tenente, obrigado a pedir baixa para não ser expulso do Exército, sente que esta

pode ser sua última batalha. Aprendeu que em guerras, se soldados morrerem em nome de um objetivo, mesmo que se trate de um objetivo sórdido, a vitória será cinicamente comemorada. No caso do combate à pandemia, os soldados somos todos nós, brasileiros, novos ou velhos, cristãos, espíritas, judeus, muçulmanos, gente que votou nele ou não.

O importante é preservar somente a família, os assessores próximos e os principais apoiadores, econômicos, religiosos e políticos. Não importa a morte de idosos, moradores de rua, profissionais de saúde. O importante é preservar o capital.

Nunca tivemos um presidente tão desqualificado e irresponsável em toda a história da República. Porém o mais repugnante é a apatia de pessoas aparentemente esclarecidas – profissionais de saúde, inclusive – que se omitem por covardia. Têm vergonha porque votaram nele, mas não se querem expor. Afinal, daqui a alguns anos teremos nova eleição e sempre haverá um novo boçal à disposição.





O violinista

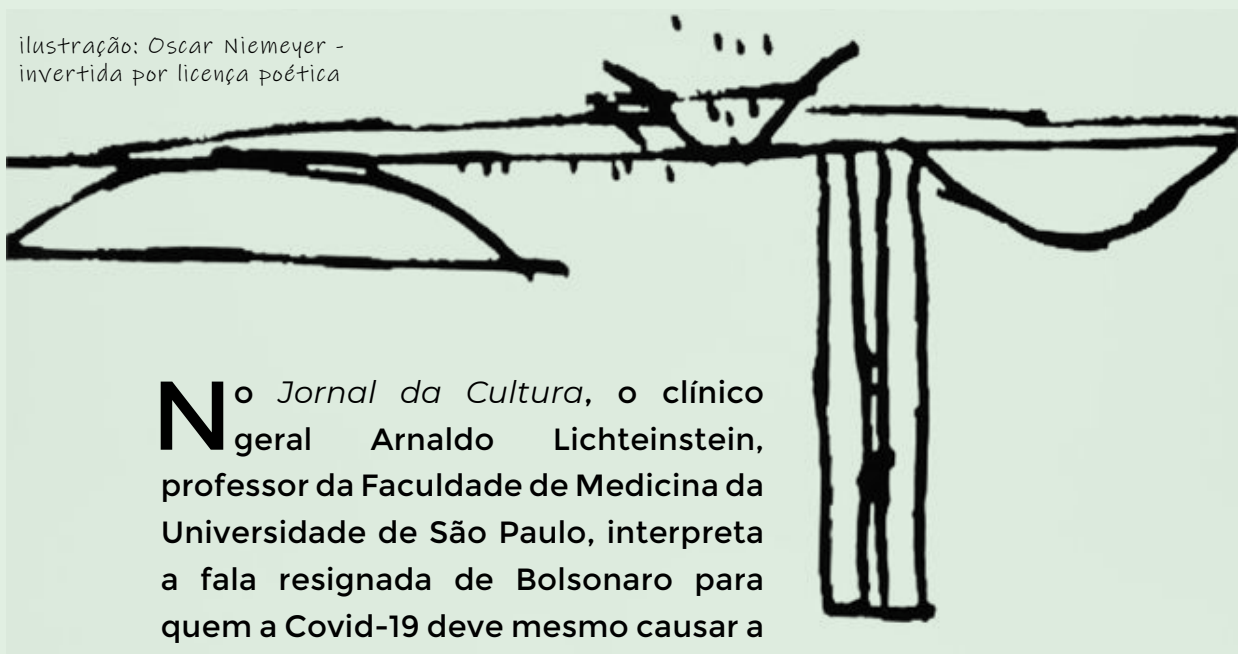


Fim da tarde, o sol vai dormir e o rapaz do violino aparece em frente ao mercado Zona Sul, na Rua das Laranjeiras, e começa a tocar a Ave Maria de Charles Gounod, O repertório é vasto. Vai de Bach a Villa-lobos. Do 15º andar ouço como se tivesse ligado o som do computador. É preciso reconhecer: a quarentena tem lá suas vantagens.



Reichstag tupiniquim

ilustração: Oscar Niemeyer -
invertida por licença poética



No *Jornal da Cultura*, o clínico geral Arnaldo Lichteinstein, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, interpreta a fala resignada de Bolsonaro para quem a Covid-19 deve mesmo causar a morte de milhares de brasileiros como um exemplo de eugenia. Se os idosos, os pobres e os enfermos morressem em massa, o País ficaria mais fácil de governar. Qualquer semelhança com o nazismo não é mera coincidência. Só falta fechar nosso Reichstag e botar a culpa nos comunistas de plantão.

Vamos deixar de entretantos

O prefeito de Itabuna, herdeiro afetivo do bem amado Odorico Paraguassu, inspirou-se em Dias Gomes para proferir a frase antológica “morra quem morrer, no dia 9 vou abrir o comércio”. Como lembra Artur Dapieve, o teatrólogo Dias Gomes era classificado como da corrente do realismo fantástico lá pelos idos de 1970, mas hoje a vida real mais uma vez superou a ficção. O prefeito existe, tem dois pés, duas mãos e, ao que se supõe, um cérebro. Pelo menos é o que consta.

A assessoria de imprensa da Prefeitura de Itabuna apressou-se em dizer que ele foi mal interpretado. Certamente se referia aos pés de cacau da lavoura de Itabuna. Se morressem, não atrapalhariam o comércio. Nem mesmo a vassoura de bruxa, praga que dizimou as plantações no sul da Bahia, removeria a decisão do alcaide baiano. Logo no dia da independência da Bahia, 2 de julho de 1823, quando o povo expulsou os portugueses do território e acabou com a mamata da milícia lusitana, o prefeito saiu-se com essa bravata.



O ator Paulo Grassindo como Odorico Paraguassu / Divulgação

Se Dias Gomes estivesse vivo, acrescentaria entre um e outro licor de jenipapo; “Vamos deixar de entretantos e ir direto aos finalmente. Eu eminentemente e sem demais longas e delongas não estou nem aí para os defuntos. Eu quero é inaugurar o cemitério com o comércio aberto”.

“Espelho, espelho meu, existe alguém pior do que eu?”

Vai aqui uma pequena reflexão sobre a polêmica da eficácia da hidroxicloroquina no combate à Covid-19. Não é absurdo. Faz todo o sentido dentro da visão midiática. Diante da iminência de caos na saúde e na economia causados pela pandemia, o presidente busca desesperadamente uma forma de posar como herói na crise. Não abre mão de ocupar no centro das atenções do noticiário, independentemente de estar bem ou mal na fita. Os pastores tarados pelo dízimo, os empresários insaciáveis, os robôs e os idiotas sempre vão mascarar resultados e estimular polêmica. Faz parte da estratégia.

Por isso o Nero tupiniquim aposta as fichas na cloroquina. Quando o número de mortos aumentar exponencialmente, poderá dizer que tentou evitar, mas os médicos não deixaram.

Quando tinha 14 anos e morava em Moçambique, Alda tomou esse remédio para prevenir malária e passou mal do estômago. Mas quem tem lupus toma regularmente a cloroquina. E essa loucura estimulada por gente irresponsável provocou uma corrida às farmácias e esgotou os estoques de quem efetivamente necessita do remédio.

Em 1918, durante a gripe espanhola, o medo e a ignorância ajudaram a espalhar



uma série de falsas notícias sobre remédios milagreiros. Limão com mel e cachaça era um deles. Dizem que daí surgiu a caipirinha. A diferença é que não tínhamos redes sociais, muito menos rádio e TV, e o presidente não era um imbecil. Aliás, Rodrigues Alves morreu, antes de assumir o segundo mandato, vítima da gripe espanhola. A lógica de Bolsonaro é sempre buscar um culpado para as crises e os erros de gestão. E do jeito que estão as coisas, colocar a culpa em Mandetta não convence ninguém, nem mesmo os generais de pijama que infestam o Planalto.

Quanto à demissão do ministro da Saúde, que conquistou popularidade pelas entrevistas diárias na TV, pode haver reação, mas sempre existirá um profissional de saúde político e oportunista, civil ou militar, para aceitar o cargo. É assim desde o Império.

Hermenêutica da hemorroida

Vale a pena ler o artigo de José Eduardo Agualusa neste sábado no segundo caderno do *Globo*. Sob o título “Hermenêutica da hemorroida”, o escritor angolano, que mora em Maputo, Moçambique, discorre sobre o discurso do nosso presidente na histórica reunião ministerial de 22 de abril.

Agualusa chama a atenção para a relação criada por Bolsonaro entre liberdade e hemorroida. “Até hoje ninguém havia conseguido juntar numa mesma frase, com um mínimo de coerência, os conceitos de liberdade, verdade e hemorroida”. E prosse-

gue: “há quem sugerisse, maldosamente, que o grande estadista teria trocado hemorragia por hemorroida, por desconhecer o exato significado de ambos”.

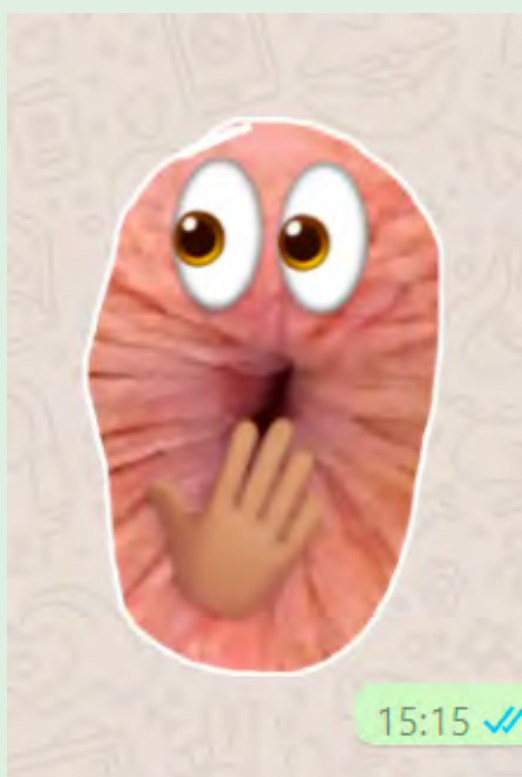
Eu, modestamente, discordo do angolano. Em sua máxima sapiência, o Messias quis dizer que a hemorroida ameaça a liberdade de penetração, ou seja, dificulta o exame de próstata que

ele fazia regularmente quando era um garboso tenente paraquedista, disposto a enfrentar qualquer sacrifício em nome da pátria. Como o cargo de ministro

da Saúde continua vago, talvez o mais recomendável para conquistar a confiança do presidente seja a nomeação de um protologista, com a cabeça e o polegar na ciência.

Ninguém lembrou até agora que 22 de abril é o dia do descobrimento do Brasil. Descobrimento uma patavina. Foi quando os portugueses comandados por Cabral - o original -

começaram a tomar Pindorama dos “povos indígenas”, expressão que o nosso grande gramático Weintraub diz odiar. Então 22 de abril de 2020 foi o dia em que o Brasil descobriu as hemorroidas do presidente. Se amanhã alguém disser que é lá que se esconde o gabinete do ódio, não duvidem. Pode não ser *fake news*.





Saci em silêncio

São Luiz do Paraitinga e o Saci estão de luto. Alice Mitsuko Nakao, 68 anos, despediu-se do Sol Nascente e viajou para outro mundo. Paulistana nissei da região de Santana, escolheu para viver a bela e recatada metrópole popular do Vale do Paraíba. Essa japinha meiga pilotava o restaurante Sol Nascente, no Largo das Mercês, no centro da cidade, lugar simples e aconchegante que virou ponto de encontro de quem gosta de trocar meia hora de prosa. Antes de se mudar para São Luiz, levou o Sol Nascente para a Baía da Traição, na Paraíba, onde colaborou com a Funai em trabalhos com aldeias indígenas.

Alice era mais do que uma comerciante honesta, competente e hospitaleira. Era uma das incentivadoras da festa do Saci, todo 30 de outubro, criada para fazer frente ao Halloween ianque. Guardo com carinho o copo de cachaça com o desenho do Saci que ela me deu de presente na última vez que Alda e eu fomos a São Luiz. Alice já está fazendo falta. O moleque guarani e o currupira bem podiam pregar uma peça nessa tal de Covid, escondê-la e trazer Alice de volta quando tudo isso acabar. Prometo não contar nada pra Deus.



Mapa do Brasil colorido por estados, com uma escala vertical à esquerda variando de 0 a 10.000. A cor varia de azul claro para tons mais escuros de azul, indicando diferentes níveis ou categorias.

imagem:wikimedia

Paulo; Campos, Angra dos Reis e Volta Redonda, no Rio de Janeiro; Londrina, Maringá e Ponta Grossa (Paraná); Joinville e Blumenau (Santa Catarina), Caxias do Sul, Pelotas e Santa Maria (RS), Juiz de Fora, Uberlândia e Governador Valadares (MG) e mais cidades nordestinas como Feira de Santana, Caruaru, Campina Grande, Mossoró e Sobral, esse número chega fácil a 100 milhões de pessoas.

Portanto, alegar que o isolamento social deve ser parcialmente suspenso significa ignorar o último censo do IBGE, que comprovou que 80% da população brasileira vivem no meio urbano, de forte adensamento social. Antigamente os generais conheciam mais o país. Pobre professor de Geografia da Academia Militar de Aquilhas Negras.

Vida de cão

Dizem que os animais – domésticos ou de rua – estão imunes à Covid-19, mas não significa que estejam livres de consequências da pandemia. Vejam o caso de Joe, para os moradores de rua; ou Lobinho, para quem lhe dá comida todos os dias. Lobinho é um cachorro vira-lata idoso que fazia ponto sob o viaduto do túnel Santa Bárbara, em Laranjeiras. Uma de suas habilidades é saber atravessar a rua no sinal. Olha para um lado, para o outro e atravessa calmamente. Não corre. A travessia parece segura e serena, como se tivesse certeza de os carros parariam à espera dele.

É curioso ver que moradores em situação de rua (como exige o linguajar politicamente correto) costumam dispensar carinho aos animais, muitas vezes mais até do que os bichos humanos de classe média. Essa atração mútua talvez se explique pela condição de desprezo que muitos pedestres demonstram com os desassistidos. A miséria está exposta aos nossos olhos, todos os dias, e nós, a título de defesa espiritual, nos acostumamos a fingir que não percebemos. Uma espécie de paisagem dissimulada, como se estivessemos o tempo todo com o vidro fechado do carro, mesmo sendo pedestres.

Certa vez presenciei uma cena que nunca me saiu da cabeça. Por volta de meio-dia, na saída de alunos do

Colégio Franco-Brasileiro, na Rua das Laranjeiras, uma jovem senhora passou com seu cachorro – não me lembro a raça – e precisou parar por causa do tumulto de crianças e pais em frente à escola. Marquinhos, morador do Morro de São Carlos que pedia esmolas ali em frente, aproveitou para acariciar o cachorro e foi severamente advertido pela madame. Aquele cão de raça não poderia receber carinho de qualquer um. Era como um bem de consumo durável cuja propriedade era sagrada e incontestável. Foi como se ela quisesse dizer “Cães de rua recebem carinho de mendigos e cães de raça ganham carícias de madames”, reproduzindo a desigualdade social entre os homens.



A história, absolutamente verídica, faz lembrar o romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, da Paris empobrecida do início do século XIX. Cenas como estas nos dão a impressão de que o Rio de Janeiro retrocedeu 200 anos.

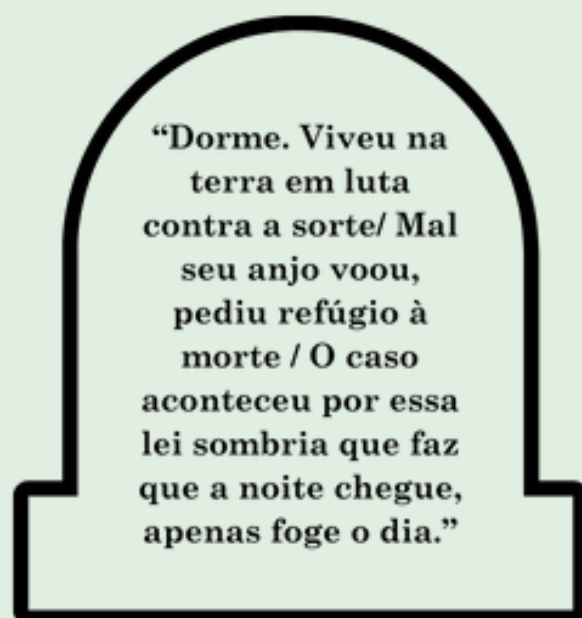
A pandemia já matou milhares de brasileiros sem distinção de classe, embora os podres, assim como os animais de rua, estejam entre os mais sacrificados. Em junho, sob o pretexto de higienização, agentes da Prefeitura, com o apoio de policiais militares do programa Laranjeiras Presente, retiraram do local os moradores de rua e seus pertences. Um deles fazia pequenos carretos de mudança na redondeza e dava abrigo a Joe. Os agentes da Prefeitura deram abrigo ao morador, mas ignoraram Joe e os demais vira-latas. Nos últimos tempos, a idade afetou-lhe a visão e dificulta a travessia. Como o ponto de

Abrigo de Queimados:

um grupo de cuidadores, com o apoio de veterinários e estudantes, realiza um trabalho lindo dando comida e remédios a animais abandonados. Quem quiser colaborar pode acessar este [link](#).

encontro desapareceu, os cuidadores não o encontram mais com facilidade. Lobinho, Joe e os vira-latas da praça sob o viaduto são vítimas invisíveis da pandemia. Não entram nas estatísticas oficiais, nem são retratados por romancistas como Victor Hugo.

Assim como em *Os miseráveis*, em que Cosette, a filha adotiva de Jean Valjean manda colocar uma lápide no túmulo: A frase sintetiza a vida atribulada do pai. Quem sabe Lobinho mereça uma frase igual.



Repórter, esse contador de histórias

O bom jornalismo tem a missão de refletir a realidade, por meio de relatos de fragmentos do cotidiano. Trata-se de um processo metonímico - a parte pelo todo - e meio anárquico. Quanto mais controvertida e desigual a sociedade, mais rico e complexo se torna o relato jornalístico. É preciso ouvir pessoas, conhecidas ou anônimas, e confrontar a versão oficial com o que se percebe na rua. Pelo telefone ou zap, o recorte da realidade fica dependente da fonte, principalmente se só houver uma.

A matéria do Extra de 25 de fevereiro sobre a mãe e as duas filhas que vivem em uma calçada da avenida Graça Aranha, em frente ao Palácio da Cultura, no centro do Rio, escancara aos olhos do leitor a realidade que se agravou com a pandemia. Faz mais do que isso: desmente o preconceito de que moradores de rua são sujos e maltrapilhos.

Ana Paula Rodrigues Gama, 46 anos, dedica cuidados maternos às filhas Magali e Gabriela. Lava as roupas e as toalhas das crianças e se preocupa até com o laço branco sobre o cabelo, como se brincasse de boneca com as filhas. Ana Paula varre a calçada para manter o asseio de seu improvisado local de moradia.

O contador da história digna de registro é o repórter Luã Marinatto, graduado na UFF. Ah, como é bom constatar que a universidade pública ajuda a moldar

o olhar sensível e arguto de um jovem profissional do jornalismo, em uma época em que tanta gente se contenta com as redes sociais.

Há alguns anos um amigo jornalista veterano, Teixeira Heizer, pediu-me para indicar um estudante com texto final que o ajudasse a escrever mais um livro sobre futebol, que aliás acabou sendo o último. Lembrei do Luã, que morava em Niterói e topou o desafio. Deu certo. O livro saiu e Teixeira pôde viajar em paz tempos depois. Lá de cima esse comunista mineiro que acreditava em Deus deve estar orgulhoso do Luã.



EXTRA Notícias Economia Política

dificuldade

Leia mais

Espação criado por dois moradores de rua no Centro chama atenção: 'Tudo bem cuidado'

Moradores de rua que viralizaram nas redes recebem documentos na Fundação Leão XIII

Domingos Peixoto e Luã Marinatto

Tamanho do texto A A A

Ouça

"Deixa só eu tirar a roupa da corda", pede Ana Paula Rodrigues Gama, de 46 anos, interrompendo a entrevista ao primeiro sinal de ventania. "Se sumir a toalha da Magali, minha filha tem um troço", completa em seguida, com uma sonora risada. A pequena Talina, 6 anos recém-completados, está ao lado, imersa em um livro de colorir. Toda de rosa, do chinelo à camiseta, o único contraste fica por conta do laquinho branco na cabeça. A irmã Gabriela, dois anos mais velha, ostenta o mesmo visual de princesa, cor de rosa de cima a baixo, enquanto faz um exercício escolar. "Não, na cama não", ralha Ana Paula com Talina, que largou o livreto e, com um polinho de esmalte, decidiu brincar de pintar as unhas dos pés. A cena, que poderia ser cria de quase qualquer lar brasileiro, tem como endereço uma calçada. Mais precisamente a da Avenida Graça Aranha, ao lado da Cinelândia, no Centro do Rio.



Inimigo oculto

Jair Bolsonaro precisa de um inimigo fisicamente identificável para justificar a incapacidade e incompetência de seu governo em 16 meses de gestão. O vírus não se aplica a essa finalidade. É invisível, imponderável e altamente letal. Daí o interesse do Messias de levar o País ao caos. Como fênix, ele espera ressurgir das cinzas e retomar o controle.

O risco dessa estratégia desesperada é apostar no confronto e levar o Brasil a uma crise política profunda, com embate entre as instituições democráticas, no momento em que o mundo mergulha na maior crise econômica do século. Estamos nas mãos de um psicopata, que usa as redes sociais e a ignorância como manobra para apostar no radicalismo. O Congresso e os tribunais superiores devem manter-se firmes. Os generais reformados que ocupam cargos no Planalto e, principalmente, os oficiais do Alto Comando precisam avaliar o quadro político e entender que o apoio a esse protótipo mal concebido de Hitler tupiniquim pode causar a morte de mais brasileiros do que a pandemia.





Surto de meningite

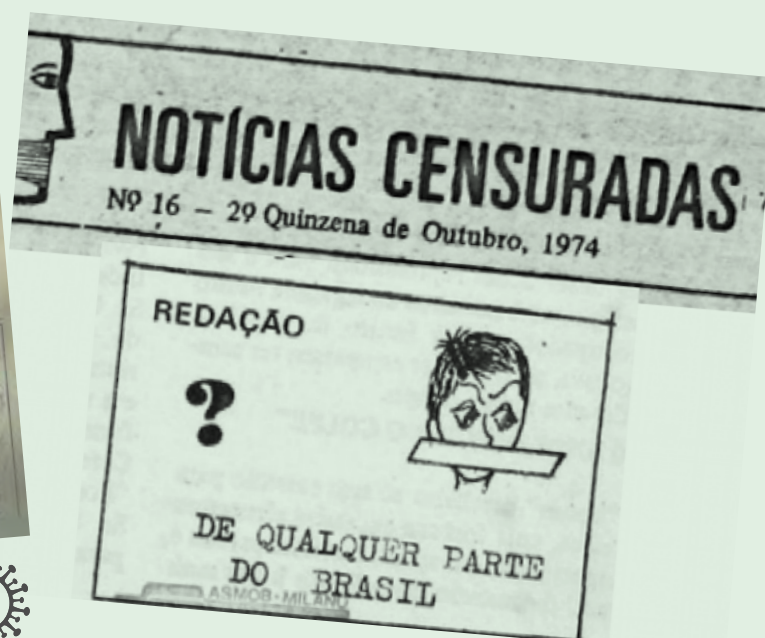
Em tempo de pandemia nunca é demais recordar. Pra quem insiste em acreditar que a ditadura civil-militar (1964-1985) teve um saldo positivo, vai aqui uma lembrança oportuna. Em 1974 o estado de São Paulo sofreu um surto de meningite que causou a morte de centenas de pessoas, muitas delas crianças. A doença evolui muito

rapidamente e as pessoas não conheciam os sinais e sintomas. Preocupado com a imagem, o governo federal impôs a censura prévia de notícias sobre o surto para não criar um clima de comoção social. Pra quem duvida segue a íntegra da nota da Divisão de Censura da Polícia Federal recebida pela Rádio Jornal do Brasil no dia 26 de julho de 1974.

"De ordem superior, atendendo solicitação em virtude fato superveniente, fica proibida a divulgação, através dos meios de comunicação social, de entrevista concedida pelo Ministro da Saúde sobre meningite e qualquer divulgação de dados e gráficos sobre frequência de meningite, notícias sobre quantidade e datas de chegada de vacinas importadas, bem como referências necessidade de previsão. Divulgação de matéria sensacionalista ou exploração tendenciosa através da imprensa de qualquer assunto relativo a meningite, (sic) fica igualmente proibido."

Ditadura é isso, ignorância + arrogância, independentemente da ideologia e do vetor político. Qualquer semelhança com o sociopata do Planalto não é mera

coincidência. Para alguns governantes, a vida dos brasileiros vale menos que uma lata de leite condensado.



O bom gestor

Morreu aos 78 anos o sanitarista Hesio Cordeiro, ex-presidente do Inamps e um dos idealizadores do Sistema Único de Saúde, no final dos anos 80.

Formado pela Faculdade de Medicina da UERJ - de onde mais tarde se tornaria reitor - Hesio foi um dos introdutores no currículo das escolas médicas no Brasil de conceitos das ciências sociais, para entender melhor o quadro clínico que aflige os pacientes que chegam aos hospitais e postos de saúde. quando o médico conhece a realidade social do paciente, fica mais fácil produzir diagnóstico.

Mineiro de Juiz de Fora, o médico chegou a denunciar a tentativa de privatização dos serviços médicos

pelos governos militares, algo parecido com o que acontece hoje no governo Bolsonaro. Um episódio ocorrido durante sua gestão no Inamps, e registrado

na época pelo Jornal do Brasil, dá a ideia de seu caráter. Fornecedores de material hospitalar lhe ofereceram propina para compra de equipamentos. Hesio e o superintendente regional do Inamps, o ortopedista João Carlos Serra, recusaram a oferta.

Aceitaram apenas que eles doassem o equivalente em ambulâncias para o serviço público.

Em tempo de superfaturamento de equipamentos em plena pandemia, o exemplo destes gestores soa como exceção.



foto: sanitarista Hesio Cordeiro, arquivo Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP



Passageiros do trem-bala

Dois passageiros do trem-bala, ambos jornalistas, saltaram da vida hoje. O primeiro eu não conheci, mas habituei-me a vê-lo nas resenhas do Sport TV e admirar a rara capacidade de conjugar bom humor, sem exageros capazes de tirar o foco da notícia esportiva, e

respeito aos entrevistados,

sem aparecer mais do que

eles. Rodrigo Rodrigues,

45 anos, viajou antes

do combinado, como

diz Rolando Boldrin.

Talvez se a direção de

Esporte da TV Globo

o tivesse poupado das

viagens a São Paulo para

apresentar o Globo Esporte

aos sábados – logo ele que era

obeso – Rodrigo pudesse seguir viajando conosco.

Outra passageira que desembarcou foi a repórter Cristina Chacel, que eu conheci na Rádio Jornal do Brasil no final da década de 70; ela estagiária, eu redator. Pela firmeza das atitudes e opiniões, Cristina parecia mais repórter do que estagiária. Depois descobrimos que

o colégio onde estudamos no primário, o Instituto Santo André, no Cosme Velho, pertencia à sua avó, Dona Madalena, a diretora. Lembramos e cantamos juntos o hino do colégio composto por duas pessoas amadas, um tal de Heitor e um tal de Manuel, Heitor Villa-lobos e Manuel Bandeira.

Cristina tornou-se uma competente repórter de economia, depois assessora de imprensa e escritora. É de

Cristina Chacel o livro *Seu amigo esteve aqui* (Edi-

tora Zahar), que de-

nuncia as atrocida-

des cometidas na

Casa da Morte, em

Petrópolis, pelos

torturadores duran-

te a ditadura, crimes

que hoje certos cafa-

jestes tentam justificar

e outros esconder. Cristina

desembarca, mas deixa no trem quatro

filhos, três netos e um fotógrafo que se

revelou um grande companheiro. Boa

viagem, amiga. A gente se encontra na

parada final.





Lógica de guerra

Há uma lógica peculiar no comportamento de Bolsonaro em relação à pandemia. Quando estão em guerra, certos oficiais seguem a lógica segundo a qual não importa o número de baixas desde que o objetivo seja alcançado. As mortes fazem parte da previsão, daí a preocupação em omitir informações para não baixar o moral da tropa. Tanto num conflito armado quanto numa pandemia, existem aspectos práticos que facilitam a subnotificação de baixas e de mortos. Essa postura independe de ideologia.



Qualquer Exército pode agir desta maneira em uma guerra. Por que faço a analogia? Porque, para Bolsonaro, seu governo está em guerra, com inimigos por toda parte, inclusive entre seus pretensos aliados. Os órgãos de inteligência precisam identificá-los e combatê-los. O Congresso e o Supremo Tribunal Federal são considerados inimigos declarados. É preciso combatê-los até a submissão total. Se houver muitas baixas mas a economia sobreviver a ponto de ele chegar a 2022 em condições de se reeleger, terá vencido a guerra. Psicopatas como Hitler e Mussolini agiram da mesma forma. E daí?



O inverno ou o inferno da pandemia

ORJTV 2ª edição fechou o noticiário com uma longa matéria que colava a previsão do tempo ao frio que tomou conta da cidade ao longo de todo o dia. Aquela história de sempre de tirar o casaco do armário, calçar meia, tomar cafezinho bem quente na rua para enganar o frio. Tudo bem. É difícil sair do lugar comum. Mas nem uma linha sequer sobre os moradores de rua, os que mais sofrem com a queda de temperatura.

E logo no momento em que, com a pandemia, cresceu o número de desempregados e de gente sem trabalho informal, justamente o contingente que engrossa a população de pessoas em situação de rua (para ser politicamente correto). Telejornalismo e sensibilidade não são linhas paralelas que só se encontram no infinito. Cabe aos editores juntar estas duas linhas.



Alô, doçura

Conheci Eva Wilma no Alô, doçura, um esquete de dramaturgia com um casal de classe média na TV Tupi, inspirado na série da TV norte-americana “I love Lucy”. Dirigida por Cassiano Gabus Mendes e patrocinada pelo fabricante do açúcar União, ficou 11 anos no ar. Estreou em 1953, antes portanto de eu nascer, e seguiu até 1964. A jovem atriz contracenava com John Herbert, que se tornaria seu primeiro marido.

Como eu era criança, não entendia direito determinados diálogos e às vezes pedia a minha mãe para explicar, mas algumas coisas ela não explicava. Talvez tenha sido minha primeira experiência de censura caseira

na TV. Alô, doçura foi precursor de uma das minhas séries de humor favoritas, Os normais, de Fernanda Young, com Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres.

A carreira de determinados atores e atrizes faz parte da vida da gente. Dizem coisas importantes, outras bobas, criam bordões, brigam, sorriem, fazem ameaças, agredem e são agredidas, beijam e se abraçam, como se fosse na casa da gente. De todos os depoimentos

a que assisti no Fantástico, o que mais me comoveu foi o da atriz Lília Cabral. Ela disse que Eva Wilma tinha preocupação em colocar a colega de cena diante da luz. Poucos gestos revelam solidariedade semelhante na teledramaturgia, Os dois brilham igualmente.

Do alto dos mais de 60 anos de carreira, Eva Wilma era capaz de dirigir a cena melhor do que o diretor. E ao diretor, como Miguel Fallabela, cabia reconhecer o talento da atriz experiente, uma capacidade que também expressa o talento do jovem diretor, a humildade, Eva Wilma teve atuação política nos anos de chumbo, abrindo com outras atrizes a famosa passeata dos 100 mil, na Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, em 1968,

antes da decretação do AI-5.

Os artistas sabiam que os generais no poder não se preocupavam somente com os discursos e ações da oposição no plano político, mas estavam cientes de que o amordaçamento da cultura era essencial ao autoritarismo. Não desejo que Eva Wilma descanse em paz. Toda atriz sonha em ser perpetuada nos videoteipes, filmes, livros e entrevistas. Ela merece entrar para eternidade para o público virtual.



O vendedor de picolé

Parque Guinle. Sexta-feira, fim de tarde. Meu primeiro passeio durante a quarentena. As crianças brincam alegres em volta de mães, babás e alguns pais. O vendedor de picolé Moleka faz o pregão. Escolho o de graviola, segundo ele, o sabor preferido dos adultos. O picolé fabricado em Nilópolis custa R\$ 2,50. Dou duas notas de R\$ 2,00 e o moço devolve uma. “Não tenho troco”.

Achei mais justo que eu ficasse no prejuízo e insisti para que aceitasse as duas notas, sem explicar a razão para não parecer ofensivo. Ele estranhou a oferta. Sento no banco de pedra, puxo o celular



e na venda seguinte, uns três minutos depois, vem o moço e me dá o troco.

A atitude me fez pensar. Estamos a poucos metros do Palácio Laranjeiras, a residência oficial do governador. Nos últimos anos três desses moradores foram presos acusados de corrupção e o último foi afastado pelo Superior Tribunal de Justiça por 14 votos a um e está ameaçado de *impeachment*. O Ministério Público descobriu na conta dele e da mulher mais de R\$ 500 mil em depósitos suspeitos.

Faço a conta na ponta do lápis e o resultado é uma dízima periódica. O dinheiro nas mãos do ex-juiz federal, dividido pelo valor do troco do picolé, dá 33.333 vezes. Ou seja, o moço teria que vender 33 mil picolés e embolsar o troco para chegar perto do governador afastado.

O vendedor de Moleka nasceu em Turmalina, no Vale do Jequitinhonha, a região mais pobre de Minas Gerais. Na terra dele as principais atividades econômicas incluem o corte de eucaliptos e a produção de carvão vegetal, o que aumenta a incidência de doenças pulmonares. A migração costuma ser uma saída de sobrevivência. O moço está há seis anos no Rio para ganhar a vida honestamente vendendo picolés nos parques. Se vendesse tornozeleiras eletrônicas talvez recebesse bem mais.

Carnaval em casa



Decididamente vou passar o Carnaval em casa. Por aqui temos aglomeração suficiente: dois anciãos, dois filhos e nove gatos. Nenhum animal racional. Mas a título de prevenção, já que a vacina vai demorar, e diante das sucessivas trapalhadas da turma de Bozo e Sancho Pança, mais conhecida como a quadrilha da cloroquina, e diante do silêncio criminoso do Conselho Federal de Medicina, preciso reforçar a alimentação.

Vou procurar um quartel no Rio de Janeiro e pedir uns três quilos de picanha, outros três de miolo de alcatra comprados com recursos públicos, ou seja, com o dinheiro de nossos impostos. Na sobremesa, pudim de leite condensado e bombons de 80 reais cada. Se não houver pasta de dente, chicletes com escova.

Como estamos em tempos de folia, vou requisitar também umas caixas de cerveja. Pode ser qualquer uma delas: Bohemia, Heineken ou Stela Artois. Sabe como é, eu e os oficiais de alta parente não fazemos questão de marca. As Forças Armadas precisam estar bem alimentadas para enfrentar as agruras da ordem unida, das flexões ao amanhecer como paga por eventuais deslizes de conduta. Além disso, vai que o Maduro endurece e decide enviar caminhões de cloroquina pro lado de cá da fronteira.

Precisamos de tropas de barriga cheia em Roraima para rechaçar essa agressão. E o auxílio emergencial? Ah, isso é coisa que não tem tanta urgência. Afinal o Brasil está quebrado mesmo.



Quero vacina de presente de aniversário

Hoje dei um passo à frente na imprevisível fila da vacina. Estou um ano mais velho. Em 15 de março de 2020 fizemos nosso último passeio de família. Passamos a tarde no Jardim Botânico, já com uma ponta de receio. Não sentamos

em cadeira de restaurante, nem em banco dos jardins entre as veredas. Nunca pensei que, 12 meses depois, fosse comemorar aniversário em pleno auge da pandemia, com 270 mil vidas perdidas no país.

Comemorar aniversário nessas condições tem um duplo significado: perceber-se como sobrevivente e aguardar sua vez de tomar vacina. Mas não deixa de mostrar também um certo egoísmo, quando se lembra que milhares de brasileiros interromperam sua história e viajaram antes do combinado, como diz Rolando Boldrin.

Um Brasil que revela sua insensatez com carros lotando ruas das grandes cidades no domingo de sol para reclamar do isolamento social, a maioria por ignorância, outros por má fé. Com hospitais ocupados e leitos de UTI lotados, a morte parece ser cultuada por essa gente, a não ser quando atinge alguém da família.



Ilustração: Claudia Sobral



A vida não para

Dezembro de 1981. Pedro desembarca no mundo embalado por ventos de redemocratização em meio aos estertores da ditadura. O pai de primeira viagem trabalhava na TVE – hoje rebatizada de TV Brasil – requeitando como editor o telejornal da virada da noite. Bem-vindo, guri, na Clínica Santa Bárbara da rua Paulo Barreto, em Botafogo.

Quase 40 anos depois, volto à clínica não para o nascimento do neto, mas para sessões de fisioterapia na carcaça arqueada pelo tempo. Hoje, enquanto as portas da clínica não se abriam, passei alguns minutos namorando os rebentos do berçário. Gente revoltada aqueles pimpolhos, que não paravam de chorar. Mas, pensando bem, eles brigam por seus direitos. Curioso este paradoxo do tempo.

Do lado de fora do berçário, aquelas miniaturas de gente parecem bonecos *playmobil*, à espera de que alguém venha brincar com eles. Logo, logo irão para casa embrulhados como presente em panos limpos e cheirosos para mudar a vida dos pais que viram crianças.

Quando milhares de brasileiros partem deste mundo em razão da pandemia, acometidos pelo vírus da Covid e do negacionismo irresponsável de autoridades despreparadas, o processo de renovação da vida não para. Segue pedindo passa-

gem com a teimosia de quem insiste em vir ao universo em plena fase da estupidez humana. Passo ali alguns momentos diante do berçário como *voyeur* daquele pedacinho de gente, sentindo um pingão de inveja do pai de máscara do outro lado da câmara que registra o momento sublime com o celular. Minha geração não teve este privilégio.

Afinal, em que mundo este brasileiro vai viver nas próximas décadas? Um Brasil mais próspero, tolerante, menos racista e consciente de suas desigualdades? Ou um Brasil do ódio difundido pelo presidente? O guri que está ali à minha frente, dividido apenas por um vidro, representa o futuro do meu país e nasce em um momento de desinteresse pela preservação da vida. Nasce em uma clínica particular da Zona Sul, onde as condições de saúde são favoráveis, mas o que dizer das crianças que vêm ao mundo na periferia e no interior contaminado pela miséria e o ódio dos poderosos?

Este guri aqui na minha frente nasce em uma rua que homenageia um dos maiores cronistas cariocas. Paulo Barreto é o nome de batismo de João do Rio. Que Deus o ilumine, guri, e lhe transmita discernimento e talento para entender a cidade partida do Rio de Janeiro e o país em disputa chamado Brasil.

Órfãos etílicos

Sexta-feira, 5 de março. Cinco e meia da tarde. Ferdinando coloca a chave na porta e adentra a sala como alguém que aparece de surpresa. Mariléa toma um susto daqueles. Em mais de 40 anos de casados, ele nunca havia chegado em casa tão cedo, principalmente desde que se aposentou na Prefeitura, onde trabalhara 35 anos como engenheiro da Secretaria de Obras.

Não que Ferdinando gostasse de pular a cerca. Do alto de suas sete décadas bem edificadas, mas dependendo de manutenção dos alicerces, Ferdinando era tão fiel quanto um deputado do Centrão. Como quase todo engenheiro civil, o síndico Ferdinando era metódico.

Tirava a sesta depois do almoço, cumpria uma hora no escritório do condomínio, dava as mesmas ordens aos empregados e escapava sorrateiramente para o botequim. Ficava a três quadras de casa pra não chamar a atenção dos vizinhos. Sentava-se lá no fundo e pedia o de sempre: uma cerveja no copo de vidro, um Steinhäger com choro e um pastel de queijo. Às vezes, trocava o pastel pelo quibe ou empadinha, mas detestava coxinha de galinha.

A professora Mariléa, 10 anos mais nova, formou-se no Instituto de Educação, na Tijuca. Isso numa época em que professora formada no Instituto tinha mais prestígio que influenciadora digital,



Foto: Fachada da Escola Municipal Anne Frank, Multirio/Divulgação Facebook

atriz de Malhação ou ex-Big Brother. Fez a carreira habitual no magistério. Começou lecionando em uma escola na Penha, enquanto cursava faculdade, depois foi transferida para outra no Andaraí, mais tarde Tijuca, até alcançar seu sonho de consumo, a Escola Municipal Anne Frank, na Rua Pinheiro Machado, em Laranjeiras. Tão perto de casa que dava para ir a pé.



Antifascista por herança familiar – filha de um oficial de Marinha cassado em 1964 –, Mariléa se orgulhava de dizer que a escola com o nome da menina alemã escondida em Amsterdam, na Holanda, mártir da perseguição nazista aos judeus,

fora uma provocação do governador Carlos Lacerda. É que do outro lado da rua ficava a embaixada da República Federal da Alemanha antes da mudança para Brasília. Após 32 anos de sala de aula, primeiro como professora primária e mais tarde ensinando Matemática, Mariléa se aposentou aos 51 anos, meio a contragosto. Até o início da pandemia, dava aulas particulares em casa para quem pretendia fazer prova de admissão para os colégios de Aplicação e o Pedro II.

Voltando à sexta-feira fim de tarde, Ferdinando não chegou a casa sozinho. Na bolsa de pano duas latinhas de cerveja gelada e dois pastéis. Na mão direita uma rosa vermelha, que ele jurou ser homenagem antecipada ao Dia Internacional da Mulher. Mariléa largou o celular e abriu um sorriso do tamanho de um quadro de giz. Ela não sabia que a Prefeitura tinha mandado fechar todos os bares da cidade às cinco em ponto, deixando centenas de órfãos etílicos pelos bairros. Só quando soube da notícia no telejornal local Mariléa compreendeu o gesto amoroso do marido e prometeu votar em Eduardo Paes em 2024, nem que seja pra síndico do prédio.



Eterno ofertório



Foto: reprodução | Brasildefato

O Brasil ficou mais pobre e menos corajoso hoje. Aos 92 anos, morreu Dom Pedro Casaldáliga, o bispo de São Felix do Araguaia, em Mato Grosso, o catalão mais preocupado com o Brasil dos últimos 50 anos. Referência da Teologia da Libertação e da opção pelos pobres, Dom Pedro combateu o bom combate. Opôs-se à ditadura, aos latifúndios, aos exploradores dos camponeses e recentemente ao governo Bolsonaro. Foi um bravo defensor da causa indígena. Dom Pedro foi encontrar-se com Deus, mas seu exemplo de vida é eterno. Peço permissão para transcrever aqui um de seus poemas.

*Na cuia das mãos/
trazemos o vinho e o pão, /
a luta e a fé dos irmãos, /
que o Corpo e o Sangue do Cristo serão.
O ouro do Milho /
e não o dos Templos,
o sangue da Cana e não dos Engenhos,
o pranto do Vinho
no sangue dos Negros,
o Pão da Partilha
dos Pobres Libertos.
Trazemos no corpo
o mel do suor,
trazemos nos olhos
a dança da vida,
trazemos na luta,
a Morte vencida.
No peito marcado
trazemos o Amor.
Na Páscoa do Filho,
a Páscoa dos filhos
recebe, Senhor.
Trazemos nos olhos,
as águas dos rios,
o brilho dos peixes,
a sombra da mata,
o orvalho da noite,
o espanto da caça,
a dança dos ventos,
a lua de prata,
trazemos nos olhos
o mundo, Senhor!
–Na palma das mãos trazemos o milho,
a cana cortada, o branco algodão,
o fumo-resgate, a pinga-refúgio,
da carne da terra moldamos os potes
que guardam a água, a flor de alecrim,*

no cheiro de incenso, erguemos o fruto
do nosso trabalho, Senhor! Olorum!
O som do atabaque
marcando a cadência
dos negros batuques
nas noites imensas
da África negra,
da negra Bahia,
das Minas Gerais,
os surdos lamentos,
calados tormentos,
acolhe Olorum!

— Com a força dos braços lavramos a
terra / cortamos a cana, amarga doçura
na mesa dos brancos.

— Com a força dos braços cavamos a
terra, colhemos o ouro que hoje recobre
a igreja dos brancos.

— Com a força dos braços plantamos na
terra, o negro café, perene alimento
do lucro dos brancos.

— Com a força dos braços, o grito entre
os dentes, a alma em pedaços, erguemos
impérios, fizemos a América dos filhos
dos brancos!
A brasa dos ferros lavrou-nos na pele,
lavrou-nos na alma, caminhos de cruz.
Recusa Olorum o grito, as correntes
e a voz do feitor, recebe o lamento,
acolhe a revolta dos negros, Senhor!

— Trazemos no peito
os santos rosários,
rosários de penas,



rosários de fé
na vida liberta,
na paz dos quilombos
de negros e brancos
vermelhos no sangue.
A Nova Aruanda
dos filhos do Povo
acolhe, Olorum!
Recebe, Senhor
a cabeça cortada
do Negro Zumbi,
guerreiro do Povo,
irmão dos rebeldes
nascidos aqui,
do fundo das veias,
do fundo da raça,
o pranto dos negros,
acolhe Senhor!

Os pés tolerados na roda de samba,
o corpo domado nos ternos do congo,
inventam na sombra a nova cadência,
rompendo cadeias, forçando caminhos,
ensaíam libertos a marcha do Povo,
a festa dos negros, acolhe Olorum!



Carta ao desministro da Educação

Caro ministro da Educação, a filha de uma amiga ouviu ontem à noite seu pronunciamento na TV em rede nacional convocando os professores a retornarem às aulas presenciais e pondo a culpa pela demora nos estados e municípios. Acanhada, ela me pediu para lhe expor algumas dúvidas e inseguranças, que descrevo a seguir.

Regina Célia, ex-aluna do Colégio Pedro II, formou-se no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, em Duque de Caxias. Cursa Pedagogia na UERJ, com aulas remotas no momento, mora com os pais e a avó num apartamento de dois no bairro 25 de Agosto. Leciona numa escola municipal em Padre Miguel, na Zona Oeste do Rio.

A avó, de 78 anos, sofre de diabetes e insuficiência respiratória. O pai, que tomou as duas doses da Coronovac, já infartou. A mãe só tomou a primeira dose. No dia da segunda, faltou vacina porque o governo federal não repassou a tempo os lotes da AstraZenica para a prefeitura de Caxias.

Para ir ao trabalho, Regina toma duas conduções. O trem entre as estações de Gramacho e Penha e de lá um ônibus até Padre Miguel. Mas desde a pandemia a

frequência dos ônibus caiu mais de 50%. Sabe como é, os donos das empresas alegam que não podem perder dinheiro, né? As duas conduções ficam lotadas pela manhã.

Na escola de Padre Miguel o fornecimento de água é inconstante. A direção já pediu diversas vezes à Cedae para regularizar o abastecimento, mas a Companhia diz que o lugar é fim de linha, o que dificulta o fornecimento. Regina Célia ainda não foi vacinada porque tem 21 anos e aguarda ansiosa sua vez.

E o senhor, ministro? Já tomou as duas doses? Preciso sair do gabinete de ar refrigerado ou recebeu a visita de um técnico de enfermagem, junto com seus assessores próximos? Ao longo desse tempo todo da pandemia, o senhor e seu ministério intercederam junto aos estados e municípios para que os profissionais de

ensino tivessem prioridade na vacinação? Pressionaram o Ministério da Saúde para antecipar a compra de vacinas e IFAs?

Ah, isso não era seu trabalho. Entendi. Então faça um favor aos brasileiros. Pare de bravatas inconsequentes. Como se os professores fossem bonecos sujeitos à massa de manobra. Tenha vergonha na cara e deixe de se comportar como capacho, para agradar seu patrão.

O Brasil merece gente de coragem à frente da gestão educacional, para desfazer a ideia de que a educação é uma ameaça ao governo Bolsonaro. Ah, e se souber de algum aluno que não queira voltar à escola com receio de contagiar a família, por favor tenha a decência de não recomendar aos pais bater nele como forma de educá-lo. O século XIX já terminou há muito tempo.



Brigada da Boquinha

O ministro da Defesa não tem o direito de se queixar das declarações do ministro do STF, Gilmar Mendes, lembrando que o Brasil está há dois meses sem ministro da Saúde, com 13 oficiais da ativa aquartelados no Ministério da Saúde, sem qualificação na área de saúde pública. Uma pergunta não quer calar. Quando foram nomeados para ocupar cargos técnicos, eles abriram mão do soldo militar ou seguem acumulando a gratificação do Ministério com os vencimentos como servidores públicos?

Caso se confirme a segunda hipótese, teremos constatada a versão segundo a qual os militares da ativa que ocupam cargos de confiança compõem a brigada da boquinha, ou se preferirem, a brigada da mamata.

Enquanto isso, em meio à incapacidade de o Ministério da Saúde gerir qualquer ação efetiva de combate à Covid-19 em âmbito nacional, cresce o número de casos de coronavírus e de óbitos no país. Somos o único no mundo que apresenta um platô com manutenção de índices



altos de contaminação nos últimos 35 dias de pandemia. O platô ganhou o nome de planalto do descaso.

Caro ministro da Defesa, levianas não são as declarações de Gilmar Mendes, que acusou o Exército de cumplicidade com o genocídio. Leviana é a ação do governo federal, que merece o repúdio internacional das agências de saúde.

Mau gosto

A publicidade pode ser um campo minado, dependendo de quem o estiver trilhando. Hoje recebi uma oferta por *e-mail* da Unimed Central Nacional que me causou mal-estar, melhor dizendo, nojo. Dizia lá a propaganda. “A pandemia Covid-19 vem nos avisar. Proteja sua saúde, não adie mais.” E logo a seguir, “a Unimed está com um grande lançamento”.

Algo como um publicitário que, em pleno período jacobino da Revolução Francesa, oferecesse um kit de guilhotinas a preços imperdíveis. Fico pensando o que passa pela cabeça de um sujeito “criativo” como este. Alguém deve tê-lo ensinado que não se

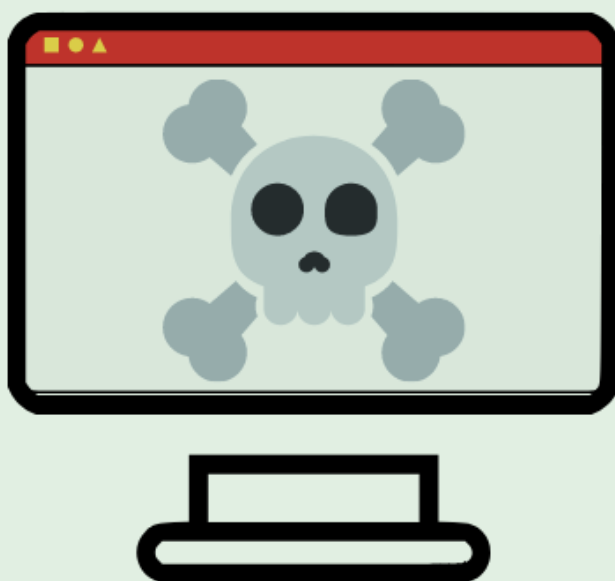
perde oportunidade de negócios e que é preciso faturar sempre.

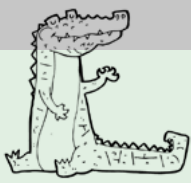
A publicidade tem um órgão de ética omissa chamado CONAR (Conselho Nacional de Auto-regulamentação), que existe para não fazer nada. Tão omissa

que seria melhor mudar a sigla para CONADA.

É uma espécie de Saci da publicidade. Todo mundo sabe que existe, mas ninguém nunca viu. Imagino o ganho eventual que o plano de saúde, que aliás como todos os outros se esconde diante da pandemia, pode

auferir com propagandas de mau gosto como essa. Quem age dessa maneira sórdida perde mais do que ganha.





Jacaré coroa

Meu nome é Jac. Pertencço à família *Alligatoridae* e frequento a classe *Reptilia*. Sou primo dos crocodilos, aqueles grandalhões que se pulassem em uma piscina olímpica ocupariam quase a metade das raias e ainda comeriam os instrutores de natação, os jogadores de *waterpolo* e as meninas do nado sincronizado. Tudo num banquete só.

No Brasil somos seis espécies de família. O meu ramo é o *Paleosuchus trigonatus*. Os biólogos me chamam de jacaré-coroa. Se incomoda? Claro que não. Tenho 67 anos, mas a cauda parece não ter mais de 20 e um corpinho escamoso de fazer inveja a qualquer sereia ou garota do Big Brother. Meu antepassado mais famoso foi um tiranossauro de nome Garrastazu Medici, que viveu em tempos sombrios e fez muita malvadeza.

Nos últimos tempos fui envolvido em uma polêmica doida porque um sujeito idiota resolveu usar meu nome para espalhar *fake news*. Disse que o ser humano que tomasse vacina contra covid corria o risco de ficar parecido comigo. Uma estupidez dessa só pode vir de uma cavalgadura ou um cavalo.

Parece que o sujeito nunca estudou Ciências. Sou muito mais bonito e charmoso do que os seres humanos. Minha boca é sensual e não diz besteira, meus pés na água viram ágeis nadadeiras e, como ficam sempre no chão, não

batem continência, não andam de moto em bando, nem fazem arminha.

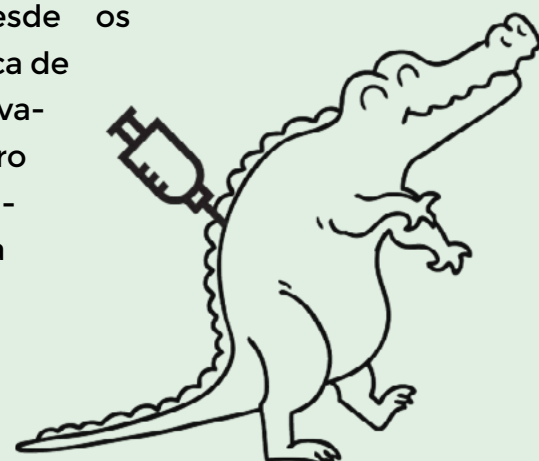
Estava vivendo no Pantanal, comendo peixes nos corixos das baías do rio Paraguai, ali perto de Corumbá. mas aquele incêndio horroroso do ano passado me obrigou a emigrar. Vim parar na Lagoa de Jacarepaguá, mas já estou de saída. Lá tem muito miliciano e eles cobram uma grana preta como taxa de segurança. Quando reclamei, ouvi:

“Oh elemento, se tu armá confusão aqui dentro, nós fala com os homi lá de Brasília e tu vai amanhecê cheio de rachadinha, tá sabendo?”

Tô fora. Se eu bobear, acabo virando bolsa de madame emergente da Barra. Vou dar um jeito de me mudar para o Lago Paranoá. Vai que arrumo uma boquinha no Ministério do Meio Ambiente...

Aviso logo que estou colado nos cientistas e sou 100% a favor da vacina, qualquer que seja a origem. Pode vir da China, Índia, Inglaterra e Estados Unidos, terra dos meus primos Cayman. O importante é que tenham efeito.

E o pessoal do gado pode ficar tranquilo. Desde os tempos da Arca de Noé, está provado que burro solto ou confiado não vira jacaré.



Jornalista da minha geração

Nunca fui amigo pessoal de Artur Xexéo, mas tinha simpatia por ele. Trabalhamos juntos no Jornal do Brasil nos anos 90, ele como subeditor executivo do horário da manhã, eu como coordenador de pauta da editoria de política e nacional. Xexéo comandava às vezes a reunião de pauta das 10 da manhã e revelava uma argúcia e um senso crítico invejáveis, sem perder o humor. Tá bom, às vezes exagerava no jeito blasé, mas isso é próprio de quem vê o mundo com certa impaciência.

Tinha um profundo conhecimento cultural, sem exibicionismo, nem autoritarismo, hábitos comuns nas grandes redações. Sua coluna no JB costumava sacanear a vênus platinada, o nome que se dava na época à TV Globo e suas celebridades de ocasião. A executiva Marluce Dias, que substituiu Boni na superintendência da emissora, era um de seus alvos preferidos pelo deslumbramento que demonstrava com o cargo. Artistas que exibiam o mesmo deslumbramento também sofriam nas mãos do colunista ferino.

Mas não era apenas o mundo da televisão alvo de suas críticas. Certa vez, ele citou de passagem um advogado que adorava usar os jornais para se autopromover e ganhar clientes em

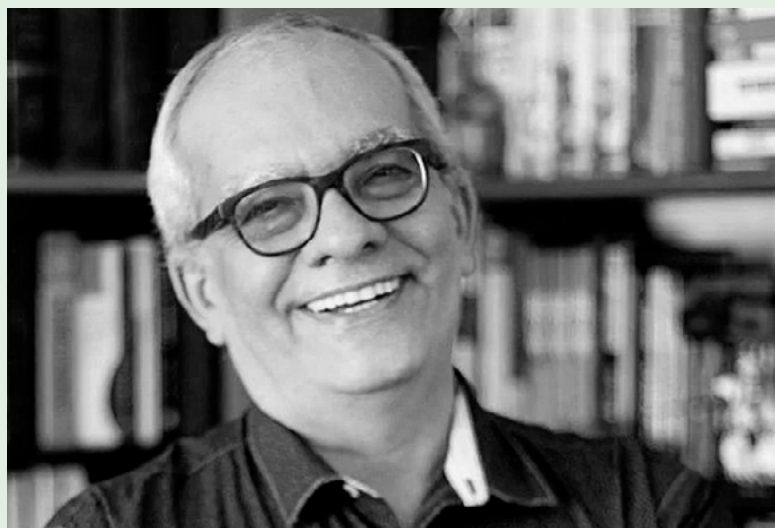


Foto: Divulgação

causas polêmicas. Como se tratava de ex-jornalista (aliás, não existe ninguém pior do que ex-comunista, ex-alcoólico e ex-jornalista), desfrutava de acesso relativamente fácil a coleguinhas. Com sua verve habitual, Xexéo questionou por que o advogado aparecia tanto nas páginas. Coincidência ou não, o nobre causídico caiu no ostracismo em nome do bom jornalismo. Com a ida para O Globo, a coluna perdeu bastante de sua autonomia crítica.

Xexéo e eu pertencemos à mesma geração, temos a mesma origem social, crescemos e vivemos na Zona Sul do Rio de Janeiro, ele no bairro Peixoto, em Copacabana, eu em Laranjeiras. Portanto era natural a convergência de gostos e referências.



Sempre fui apaixonado por Elis Regina, de quem tenho 10 elepês guardados na estante da sala. Ontem fiquei sabendo que ele quis ser jornalista para um dia entrevistar a cantora. A única vez que li em jornais uma referência à telenovela “Beto Rockfeller”, da TV Tupi de 1969/70, foi em sua coluna. Com direção de Walter Avancini e texto de Bráulio Pedroso, a novela foi a primeira na televisão brasileira a ter um vilão como protagonista e, por isso, sofreu cortes da censura em plena ditadura. Os generais não aceitariam que o vilão (Luiz Gustavo) se desse bem no final e se casasse com a filha do empresário (Débora Duarte) ou com a amiga (Beth Mendes), duas gatinhas da paulicéia desvairada.

O concurso simbólico “O mala do ano” dava o que falar nos bastidores e entre os leitores do JB. Não faltavam candidatos

de todas as cores e ideologias. Hoje, se eu pudesse votar, minha candidata seria a executiva Cláudia Costin, espécie de “Viúva Porcina” do magistério. Aquela que foi sem nunca ter sido.

A última lembrança hilária que tenho de Xexéo foi uma participação no Studio I, na Globonews, durante a discussão sobre a reforma da previdência. O jovem economista neoliberal que brinca de ser jornalista apresentou pesquisa concluindo que os norte-americanos que se aposentam antes dos 60 anos entravam em depressão pela falta do que fazer. Quando chegou a sua vez de falar, Xexéo disse que aquela pesquisa não fazia nenhum sentido no Brasil porque aqui o valor da aposentadoria é tão baixo que o sujeito precisa continuar trabalhando para sobreviver. Depressão só se fosse por falta de dinheiro. Silêncio no estúdio.

Azul desbotada

Lamentável a conduta do pessoal de bordo da Azul como macacas de auditório do psicopata dentro do avião comercial em Vitória. O sujeito era uma pessoa estranha ao voo, nem tripulante, nem passageiro, e foi lá apenas para testar sua popularidade. Deu com os burros n'água e ainda atrasou o voo.

A Azul perdeu a cor e a dignidade. Cadê a ANAC que não faz nada? Da próxima vez que viajar e escolher uma companhia aérea, vou pensar nisso. Aliás, sobre a recomendação de que quem não gosta dele deve viajar de jegue, vale responder: é melhor viajar de jegue do que acompanhado de uma besta.

Azul, uma companhia aérea desbotada pela falta de seriedade com seus passageiros.



Ilustração: Claudia Sobral



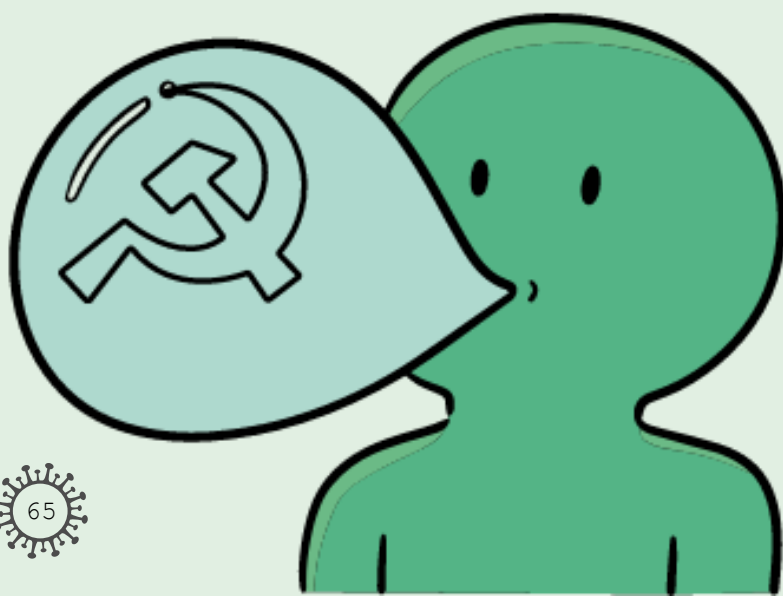
Chicletes comunista

Em sua coluna no Globo, Bernardo Melo Franco recorda a famosa frase do então deputado federal Jair Bolsonaro, em 1999, para quem o País só teria melhorado se a ditadura houvesse matado 30 mil brasileiros. Mais de 20 anos depois, o Messias da Morte consegue enfim concretizar sua profecia por vias transversas. A omissão, incompetência e inconsequência de seu governo ajudaram a “neutralizar” (para usar um verbo típico dos órgãos de repressão dos anos 70) 31 mil CPFs de brasileiros, vítimas da pandemia.

Messias atribui as mortes ao destino, mas omite que os profissionais de saúde são formados para preservar a vida humana e postergar o que ele entende por destino, principalmente daqueles que não dispõem de recursos para se internar em hospitais bem equipados, como o das

Forças Armadas em Brasília, onde ele fez diversos exames. Curiosamente a marca de 30 mil é alcançada quando nove oficiais do Exército ocupam cargos de confiança em postos-chave do Ministério da Saúde. Claro que a responsabilidade pela morte não é só deles, mas a inexperiência destes tecnocratas de farda na área de saúde pública, junto com a corrupção e incompetência de governos estaduais, contribui para apressar o destino de muitos brasileiros.

Bolsonaro não está nem aí para o esforço a fim de preservar vidas e providenciar medicamentos para pacientes e equipamentos para os profissionais de saúde. Fala de Deus como quem mastiga chicletes. Quando acaba o açúcar na boca, cospe fora. Tudo fica nas mãos de Deus. Se Ele errar, sempre pode-se dizer que Ele é comunista.





Terra Plana

O deputado Osmar Terra é uma figura ímpar da política brasileira. É daquele tipo que manipula números, cita dados sem qualquer confirmação e mente olhando no fundo dos seus olhos. Um desperdício no meio artístico. Seria um grande ator canastrão da novela das sete. Hoje na CPI da pandemia teve a cara de pau de afirmar que a Argentina registrou 420 mil mortos vítimas do coronavírus.

Pasmem, nenhum senador da mesa contestou na hora. Foi preciso que o senador Otto Alencar (PSD-BA), na sua vez de falar, dissesse que o dado mentiroso não passava de mera manipulação matemática baseada em números relativos. Como o país de “nuestros hermanos” tem 40 milhões de habitantes, Osmar Terra armou uma simplória regra de três e comparou com a população brasileira, cinco vezes maior. E aí tirou do bolso os 420 mil mortos sem explicar que se tratava de cálculo relativo.

Na verdade, a Argentina teve até o momento 90 mil óbitos, mas o cara de pau multiplicou por cinco, diminuiu 30 mil e lascou os 420 mil para os bobos engolirem. Disse ainda que tinha grande admiração por Bolsonaro, acesso fácil ao gabinete do presidente, mas negou veementemente que tenha influenciado as opiniões esdrúxulas e negacionistas do psicopata. Não respondeu perguntas feitas com base na ciência pelo também médico Otto Alencar, mostrando que em matéria de medicina ele só sobrevive porque está na política. Osmar Terra simboliza o governo Bolsonaro.

Trata-se de um mitômano, do tipo que acredita na própria mentira, apresenta uma fala empolada e arrogante, mas como dizem seus compatriotas gaúchos, se tivesse que entrar numa briga de faca sairia com a bunda toda lanhada reclamando do próprio facão. Como diz a gaúchada: “*Osmar, não me faz te pegar nojo*”.

Se o Conselho Federal de Medicina fosse um órgão isento, o depoimento de Osmar Terra na CPI seria suficiente para se abrir um processo de cassação do registro no CFM. Porém não se deve esperar nada desse tipo de gente que silencia sobre a cloroquina e faz

vista grossa para o comportamento abominável de um conselheiro médico preso no Egito por assédio sexual.

Hipócrates deve estar morrendo de vergonha. Um conselheiro do CFM bem poderia sugerir ao deputado que mudasse o nome para Osmar Terra Plana.

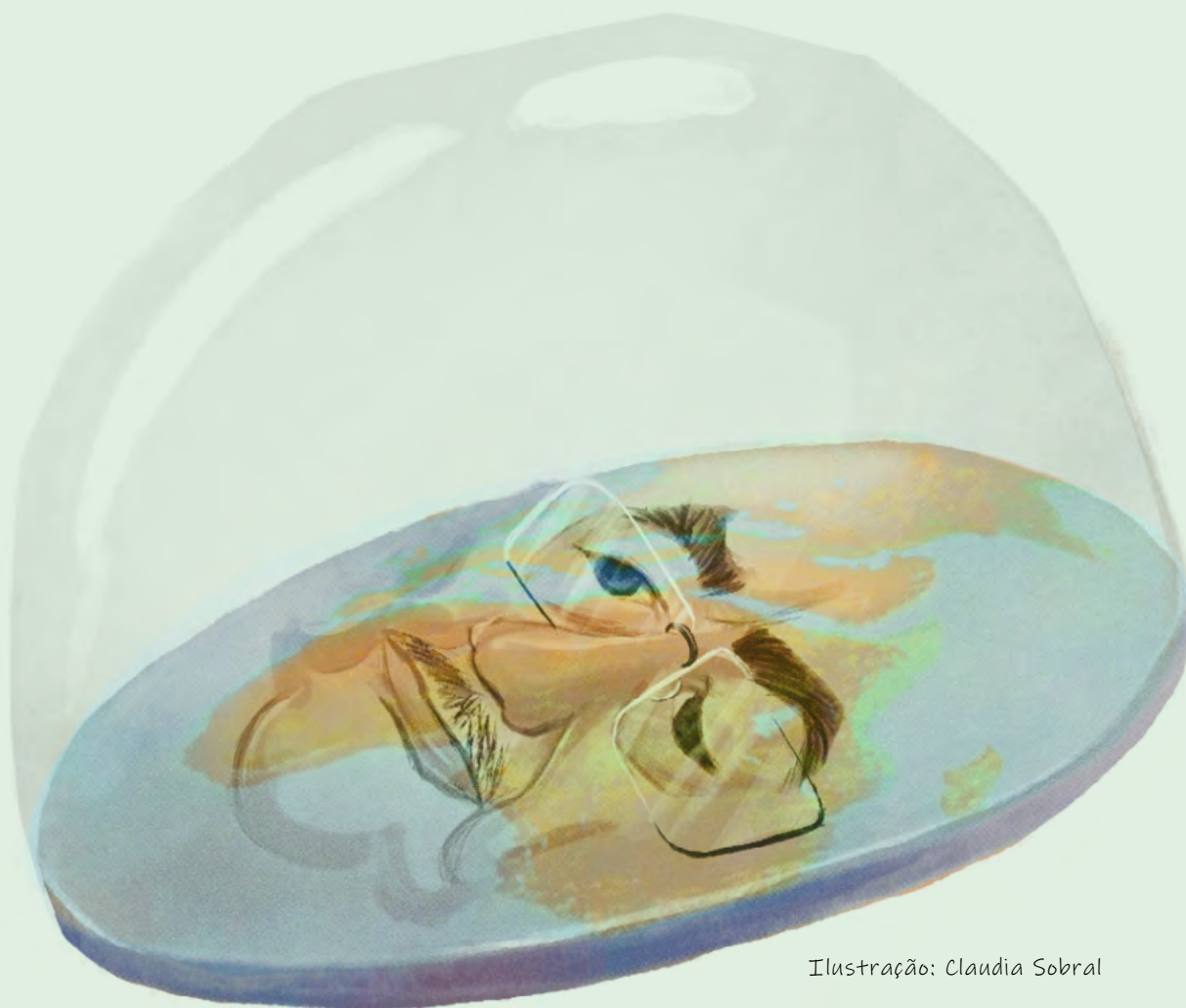


Ilustração: Claudia Sobral



Passeio imaginário

Estou com saudade de Niterói. Não vou lá desde o início da pandemia, em março de 2020. Nunca passei tanto tempo sem atravessar a poça desde que comecei a cursar Comunicação Social no IACS, em 1972. Gosto da cidade e de seu clima meio metrópole, meio província, lamentavelmente cada vez mais cidade grande e menos interior. Como diz o sociólogo jamaicano Stuart Hall, gosto de flunar; perambular pelos recantos, praças, praias, ruas, bares, becos, igrejas e fortes, Portugal Pequeno, o caminho Niemeyer, o Museu de Arte Contemporânea, o campo de São Bento, a Estrada Froes, as praias oceânicas, as lagoas de Piratininga e Itaipu e o Horto, para onde vão os pinguins recolhidos no litoral. Todos são ambientes para flunar.

Meu afeto por Niterói é antigo. Aos seis anos, hospedado com a família na pensão Roma, aprendi a nadar na Praia de Icaraí nas férias de verão. A cidade não tinha quase arranha-céus. A orla de Icaraí se compunha de um monte de casarões, tendo ao fundo o antigo cassino Icarahy. Mesmo sem gostar muito de jogar, fui frequentador assíduo do cassino durante 40 anos. É lá que funcionam a reitoria, as



pós-graduações e a divisão de pessoal, o cinema e o teatro da Universidade Federal Fluminense, minha casa por 49 anos.

Foi na UFF que terminei dois cursos de graduação - Jornalismo e Ciências Sociais - e enganei os alunos do IACS por 39 anos, até me aposentar em 2019 como professor titular. Livrei-me de Bolsonaro e da praga do celular em sala de aula, mas confesso minha saudade.

Conheci o Caneco Gelado do Mário nos anos 80, quando havia um acordo explícito entre Seu Mário e as moças de vida nada fácil. O fechamento do bar pontualmente às nove da noite. A partir dali a rua Marquês de Caxias mudava o taxímetro e se transformava em ponto de lazer de outra natureza.

O tempo passou, as moças se mudaram, Seu Mário comprou três salões ao lado e o bar virou restaurante de peixe e frutos do mar. O lugar é frequentado por gente das mais diferentes camadas sociais, do trabalhador de estaleiros ao desembargador, passando por professores e estudantes da UFF, Unipli e da Universo (Universidade Salgado de Oliveira). Quem me dera se a sociedade fosse tão harmônica quanto o Caneco Gelado.

Perto dali o mercado São Pedro (foto abaixo) serve de pretexto àquele sujeito que sai de casa sábado de manhã dizendo pra mulher que vai comprar peixe e volta no fim da tarde com 1 quilo de camarão e a pança cheia de cerveja. Niterói tem muitas histórias curiosas.



Se alguém com mais de 50 anos passar em frente ao Plaza Shopping, no Centro, e fechar os olhos periga enxergar o velho Bar Natal, abrigo dos estudantes da UFF no tempo dos atos políticos no DCE

reprimidos pela Polícia Militar durante a ditadura. Como cavalo não bebe, nem entra em bar, era o refúgio perfeito. Ironia do destino, o Natal foi abaixo no último ano do regime militar, em 1984, para ceder ao shopping modernoso.



Na Cantareira, outro tradicional reduto etílico que reúne jovens de todas as idades no bairro de São Domingos, a praça tem uma estátua de Pedro II. Reza a lenda que para o lado que o busto apontasse, o comércio entraria em crise. Assim, os foliões antes do carnaval adoravam pedir dinheiro aos comerciantes para o bloco. Quem não desse se arriscava a ver a cara do imperador apontada para sua loja.

Niterói abriga a melhor casa de cachaça da região metropolitana, a Tonel e Pinga, na rua São João, no centro velho da cidade. Fica perto da Praça São João, onde há também uma loja de umbanda muito bem montada. Aliás, São João é o padroeiro de Niterói e também o nome

de meu pai, que saiu lá de Ubá (MG) e veio estudar Odontologia em Niterói em meados dos anos 30. No prédio da faculdade dele, na Praça do Rink, funciona hoje o Nephu (Núcleo de Projetos e Estudos Habitacionais e Urbanos), um dos trabalhos sócio-acadêmicos mais bacanas da UFF.

O trecho da Boa Viagem, onde fica a igrejinha em uma pequena ilha, hoje fechada e antes só aberta ao público um domingo por mês, ostenta uma vista bonita. Perto dali fica o *campus* do Instituto de Geociências, onde André – neto caçula do Dr. João – fez graduação e mestrado em Geografia

Quando ia de carro do Centro para Icaraí, adorava seguir pela orla passando por Boa Viagem. O trabalho ficava mais prazeroso. Nunca vou esquecer o concerto do grupo português Madredeus e a cantora Tereza Salgueiro na Praia de Icaraí numa noite de lua cheia no sábado. Não se ouvia um pio, a não ser o barulho do mar. Existe sonoplastia melhor?



Outro lugar com vista incrível é a do alto do Parque da Cidade, onde salta a turma da asa delta. Quem me levou lá pela primeira vez foi minha ex-aluna no IACS, uma tal de Alda. Gostei das duas, da vista e da cicerone.



Jurujuba, as praias Adão e Eva e a fortaleza de Santa Cruz, na ponta de lá da entrada da Baía, são o contraponto da mureta da Urca. Por aquele lado trafegam os navios de maior calado, porque o lado perto da Urca está cheio de pedras no fundo. Por causa delas o vento forte noroeste faz a alegria dos surfistas na Ponta da Besta.

Os piratas que invadiam o Rio no século XVIII deviam ser meio ignorantes. Se soubessem que do lado de lá havia tantos bares e pontos turísticos, teriam invadido a Vila de Praia Grande. O problema seria receber o resgate. Algum gaiato bebum ia sugerir ao pirata cobrar

de Amaral Peixoto, ajudante de ordens e genro de Getúlio.

Minha história se confunde com a de Niterói. Foi lá que me casei duas vezes, a primeira vez com uma colega de faculdade, a segunda com aluna. Foi lá que três dos meus quatro filhos nasceram. Foi lá que meu pai faleceu. E Pedro, meu filho mais velho, tornou-se professor do IACS. Se Niterói é mesmo cidade sorriso, sinceramente não sei. Até porque este slogan dos anos 70 dá margem até hoje

a muita gozação de cariocas como eu. Uma delas vai aqui: “quem mais gosta de se dizer niteroiense é o morador de São Gonçalo”.

Mas o humor de Paulo Gustavo e sua paixão pela cidade renovam a esperança de que a terra que o cacique temiminó Araribóia, inimigo dos tamoiós, e o líder maçom José Bonifácio escolheram para viver seja o reflexo aperfeiçoado de sua cidade irmã, sete anos mais velha.



Passeio de verdade

Depois de longos meses voltei a passear pela orla marítima de Niterói. Fomos, minha promotora cultural e eu, da pracinha do Ingá até a praça da Cantareira. Subimos a ladeira do Museu de Arte Contemporânea (MAC), para ver de novo a vista deslumbrante da enseada entre Icaraí, Saco de São Francisco (recuso-me a castrar o santo), Charitas e Jurujuba. Dali se vê também a entrada da Baía de Guanabara; a fortaleza de Santa Cruz, à esquerda, e o imponente Pão de Açúcar, à direita. Escondidas, as praias de Adão e Eva e, com um pouco

de imaginação, a Laje da Besta, do lado direito. A névoa densa desmentiu aquela brincadeira carioca de que o melhor de Niterói é a vista para o Rio.

Parte da cidade estava encoberta por nuvens, sobressaindo apenas aqueles edifícios de fachada preta horrorosos do Centro, parecidos com fornos crematórios. Depois seguimos até a ponte da Ilha de Boa Viagem. As missas e a visitação à igreja histórica estão suspensas sabe-se lá até quando. Sabe como é, obra de igreja consegue ser pior do que obra pública.





Conta-se que nos séculos XVI e XVII os piratas que invadiam a Baía escondiam tesouros confiscados nas cavernas da Ilha de Boa Viagem. Se for verdade mesmo, algum vendedor particular de vacina já deve ter retirado. A parada no quiosque para uma cerveja Black Princess me faz lembrar os tempos do refrigerante Mineirinho, que só havia em Niterói quando eu estudava Comunicação no Valonguinho, antes da ponte e do aterro do Gragoatá.

Nova esticada a pé desde a Praia Vermelha até a praça da Cantareira. No caminho os prédios novos da UFF, dos quais dois com a construção praticamente interrompida. Um deles é o laboratório de química orgânica, que tem como um dos projetos avaliar o perfil e o índice de poluição da Baía de Guanabara, como resíduos sólidos, sejam eles industriais ou domiciliares. O pessoal lá de Brasília, capitaneado pelo Posto Ipírranga, deve

achar desnecessário medir a poluição de uma baía tão limpinha, né? Tudo bem ao estilo do governo Bolsonaro. Se a gente não medir a poluição, não tem notícia. Para essa turma o problema não é a poluição, nem os mortos; o problema é essa mídia terrível.

O almoço a quilo no restaurante Tio Cotó, um dos poucos abertos na praça, estava com gosto de isolamento social, o ponto de táxi mudou de lugar, a gráfica do Gil entrou em quarentena. A coisa boa é que o CIEP Geraldo Reis, que virou colégio de aplicação da UFF, aparece garboso todo pintadinho. Se estivesse vivo, este professor de Português, preso e perseguido pela ditadura, ficaria orgulhoso de ver a escola que leva seu nome. A Universidade realmente movimenta aquele pedaço de mundo. Quando o *campus* está fechado, o entorno hiberna como os ursos do Alasca e de Niterói.

Paulo Rua Ator Paulo Gustavo

Ator, humorista, diretor, roteirista e apresentador.
Nascido e criado em Niterói, Paulo Gustavo sempre exaltou
a cidade e a usou como cenário em seus trabalhos.



"RIR É UM ATO DE RESISTÊNCIA"

Região
Praias da
Baía

CEP: 24230-062

Cheio de graça

Niterói e o Brasil estão mais tristes e o céu, cheio de graça. Paulo Gustavo, 42 anos, foi fazer humor ao lado de Chico Anysio, Ronald Golias, Grande Otelo, Oscarito, José Vasconcelos e tantos outros que transformaram a vida em algo que vale a pena. A diferença é que Paulo Gustavo embarcou mais cedo por conta da Covid, que retira do nosso ambiente pessoas tão próximas, mesmo que apenas virtualmente. Nenhum ator reverenciou tanto a antiga Vila de Praia Grande, do outro lado da poça. Fez do velho *slogan* "Niterói cidade sorriso" algo que faz sentido.

Ninguém levou ao extremo com tanta dignidade a graça do ator homossexual em que o escracho combina com a seriedade. Ninguém

brincou com tanta perfeição com a imagem da mãe freudiana meio louca, meio castradora e ao mesmo tempo tão afetiva. Paulo Gustavo partiu às vésperas do Dia das Mães. Coincidência? Pode ser. Mas talvez Deus o tenha chamado mais cedo para contar piadas para as mães que partiram nessa pandemia.





Armadilha discursiva

Estou ouvindo a CBN agora de manhã e o apresentador Carlos Andreazza (neto daquele famoso coronel e ministro dos Transportes da ditadura militar que fazia a alegria das empreiteiras) senta o cacete no Congresso, que aprovou os jabutis da MP de privatização da Eletrobrás. Senta o cacete em Bolsonaro e em Paulo Guedes. A seguir o assunto é a promessa de reajuste do salário do servidor, prevista para o ano eleitoral de 2022, quando o psicopata pretende reeleger-se.

Mas só que o apresentador cai na velha armadilha discursiva de confundir “reajuste” com “aumento” salarial e fala o tempo todo em “aumento”. Vale lembrar que o último reajuste do servidor federal ocorreu em 2017 e que a inflação nestes quatro anos passou da casa dos 30%. Fica a pergunta: será apenas ignorância do jornalista ou vício de linguagem neoliberal? Dou um pulo no wikipédia e fico sabendo que, antes de virar âncora da CBN, Andreazza era editor de ficção nacional da editora Record, a mesma que publicava os livros de Olavo de Carvalho, este sim um dos grandes autores de ficção no Brasil.



A saga do bom repórter

Confinado em casa, tenho acompanhado com frequência os telejornais, principalmente os da TV Globo, Band, Globonews e TV Cultura. Um repórter que chama a atenção por saber dosar na medida certa a denúncia social com um olhar jornalístico, sem apelação nem sensacionalismo, é Chico Regueira.

Depois do assassinato do amigo vascaíno Tim Lopes por traficantes na Vila Cruzeiro, em 2002, os jornais e as TVs reduziram drasticamente a cobertura *in loco* nas favelas do Rio de Janeiro. Quando entram, as equipes chegam acompanhadas pela polícia, o que acaba comprometendo o trabalho. O que fica, na maior parte das vezes, é a visão da autoridade.

Essa pandemia tem mostrado que, em muitas favelas cariocas, líderes comunitários têm-se movimentado para adotar medidas de combate à Covid-19. Desistiram de contar com a ajuda dos governos. Chico Regueira tem registrado essa ação de solidariedade, claro com a participação do repórter cinematográfico e o trabalho do editor. Chico não trata os moradores como coitadinhos, e sim como cidadãos iguais aos do asfalto.



Foto do repórter, divulgada no seu perfil do Instagram @chicoregueira

Leio no *google* que ele começou a trabalhar aos 15 anos na Rádio Favela, que ficava perto de sua casa, em Belo Horizonte. Chico é mineiro e se formou na UFF em 2005, mas não me lembro de ter sido seu professor. Em 2003 estava de licença para concluir o doutorado. Talvez por isso ele seja um bom repórter.

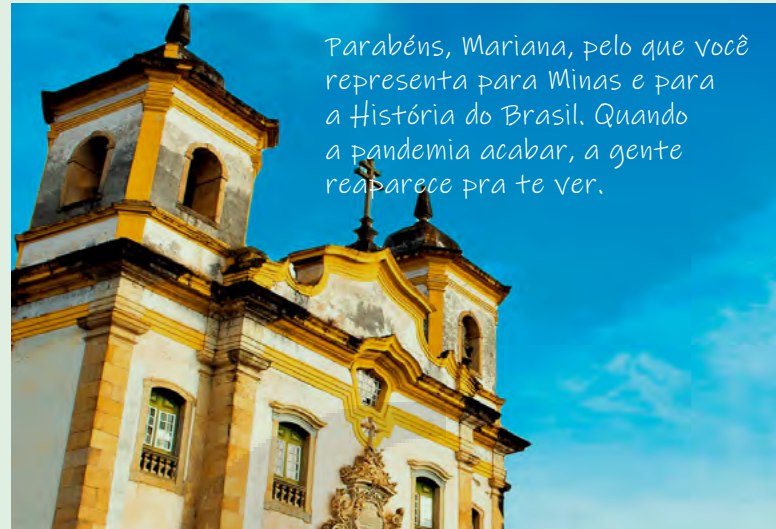


O charme e o ouro de Mariana

Parabéns. Você completa hoje 325 anos de vida. Três séculos de existência, mas com um corpinho bem conservado. Construções do colonial mineiro, igrejas suntuosas, outras bonitas pela simplicidade, ruas de calçamento de pedra e um turbilhão de histórias, muitas nem tão boas assim. Isso sem falar na pinga da região que seus bares oferecem em doses generosas. Foi lá que experimentei pela primeira vez a cachaça feita em Calambau, na Zona da Mata.

Hoje você tem 60 mil habitantes e abriga uma universidade federal (UFOP), que leva o nome da cidade vizinha e mais famosa, Ouro Preto. Mas você, Mariana, tem seu charme. O nome é uma homenagem à princesa Maria Ana de Áustria, esposa do rei Dom João V, de Portugal. Foi promovida à primeira capital da província de Minas Gerais em 1745, com o nome atual. Conta-se que ganhou um concurso promovido para ver qual vila arrecadaria mais ouro para a Coroa. Só não se sabe se o metal foi parar mesmo nas mãos do Estado ou se ficou em algum pau oco de procissão.

A mina na estrada que vai para Ouro Preto é um vestígio da história dos negros escravizados que fizeram a riqueza deste país. Os índios da etnia jê foram os primeiros ocupantes, mas no século XVII chegaram os bandeirantes vindos de Taubaté e os expulsaram em



busca de ouro. Quatro séculos depois, qualquer semelhança com os garimpeiros de Roraima e do Pará não seria mera coincidência. O que a História não conta é que Alda e eu somos apaixonados por você desde que a conhecemos, em 1985, num passeio de fim de semana. Chegamos de trem e gostamos tanto que nossa filha ganhou este nome. Ficamos fascinados com a vista lá do alto da igreja de São Pedro, que descortina toda a cidade e a estrada que segue para o colégio do Caraça e depois Ponte Nova.

Em 2015, os bandeirantes do ferro, batizados de Samarco, lhe causaram uma ferida profunda e despejaram lama sobre o distrito de Bento Rodrigues - os índios de hoje - somando 18 mortos e um desaparecido. Mas você resiste na sua altivez e na resignação da mãe que não sucumbe à partida dos filhos, apesar da lentidão da Justiça da Coroa atual.



O general e o Centrão

Em 2018, às vésperas da eleição, o general Augusto Heleno - aquele do Haiti - prestou-se a um espetáculo grotesco ao cantarolar diante de uma plateia surpresa a música “Gente bacana”, do compositor portelense Ary do Cavaco. O refrão, transformado em sucesso por Bezerra da Silva, diz: “***Se gritar pega ladrão/ não fica um, meu irmão***”. Na época Augusto Heleno fazia uma alusão ao grupo denominado Centrão, criado em 1987 durante a Constituinte para representar os interesses conservadores baseados no troca-troca ao estilo político do “é dando que se recebe”.

Três anos depois, Bolsonaro entrega a Casa Civil a um senador que pertence ao Centrão e foi eleito por um daqueles estados “dos paraíbas”, como disse certa vez o presidente em referência preconceituosa ao Nordeste. Consultado a respeito sobre a escolha, o general negou a existência do grupo, mas ficou em maus lençóis quando o chefe disse que fez parte do Centrão.

Talvez não faça a menor importância. O que vale mesmo é acumular a gratificação do Gabinete de Segurança Institucional com os vencimentos de general de Exército na reserva. Nem precisa gritar, basta pegar o interfone e falar com o sujeito do andar de baixo.





Chuteiras inoportunas

A Copa América, ou Cova América como preferirem, será mais um teste para avaliar a popularidade do psicopata genocida. Quando não se tem pão, nem vacina, os poderosos oferecem o circo. Era assim na Roma antiga; foi assim na Itália de Mussolini, e também na ditadura militar, com 64 clubes na primeira divisão. Quem é mais velho lembra do *slogan* irônico: “Onde a Arena vai mal, um time no Nacional; onde a Arena vai bem, outro time também.”

Mas neste circo os palhaços somos nós. Este é um momento histórico para os jogadores de futebol profissional na América do Sul, sobretudo no Brasil. A grande maioria dos convocados dispõe de situação financeira confortável e os que jogam na Europa são imunes à pressão de dirigentes de clubes brasileiros.

Essa falsa acusação de falta de patriotismo faz parte da guerra de narrativas, aliás mais uma desde a eleição de Bolsonaro. Vai ser curioso se a seleção perder para a Venezuela logo na estreia. Mas dificilmente isso vai acontecer. Em vez da “pátria de chuteiras” de Nelson Rodrigues, prefiro a pátria de vacinas.



Futebol na pandemia é circo sem pão

Adoro futebol desde criança e sempre gostei de ver os jogos da seleção. Jogo botão até hoje como os filhos e frequentava os estádios antes da pandemia. Mas ontem, pela primeira vez na vida, não vi uma partida oficial do Brasil. Pior, nem sabia que haveria jogo da seleção pela Copa América.

Não se trata de um boicote consciente, como alguns presos políticos tentaram fazer na Copa de 70 torcendo contra a seleção. Segundo Fernando Gabeira, não durou um jogo sequer. Mais parece o inconsciente reagindo à estupidez da direção da CBF e do psicopata genocida querendo usar o futebol para esconder o desastre que tem sido a conduta do governo federal durante a pandemia. Os presidentes Garrastazu Medici e Ernesto Geisel fizeram algo semelhante nos anos 70. Medici era gremista, mas dizia torcer pelo Flamengo para angariar alguma simpatia para seu jeito sisudo. O gaúcho Mourão faz questão de repetir a farsa. Por que então o artifício do circo para o povo que sequer tem pão não surte o efeito dos tempos da ditadura?

Daria matéria dominical ou, quem sabe, uma tese de Ciências Sociais. Uma das hipóteses é que, na época da ditadura, a economia andava bem, o desemprego era menor, a segurança melhor, apesar do arrocho salarial, da repressão política e da censura, que impedia a divulgação dos crimes e desacertos praticados pelas autoridades. A seleção, composta por jogadores que atuavam no Brasil, conquistara o status de “pátria de chuteiras”, expressão cunhada pelo cronista Nelson Rodrigues para afastar o complexo de vira-lata próprio de nós, brasileiros. Hoje quase todos os jogadores atuam na Europa, têm patrocinadores, assessores de imprensa e só vêm ao Brasil para passar férias. Isto é, quando vêm.

Além do mais, quem transmite a Copa América é o SBT (Sílvio e Bozo Trambiqueiros) e a rede norte-americana Disney de TV por assinatura. Quem ainda assiste ao SBT? É duro ver futebol no canal do baú ou na televisão do Pateta.

Um convidado bem trapalhão

Os jornais informam que nem Bolsonaro, nem Mourão vão aparecer logo mais no Maracanã para ver a final da Copa América. Até pode ser, mas não me surpreenderia se o genocida chegasse de repente depois do início da partida, sem ser anunciado. Com a popularidade despencando, comunicar previamente a presença poderia desencadear manifestação popular no entorno e dentro do estádio entre os “convidados”.



O problema é que se o Brasil perder para nuestros hermanos, ele ainda vai ganhar fama de pé-frio no futebol. Depois de tanto fracasso, desemprego, desmatamento ilegal, pandemia e denúncia de corrupção em seu governo, só falta seguir os passos de Mick Jagger.

Messi 1 x 0 Cartolas

Enfim o desfecho aguardado da Copa América se confirmou. O Brasil morreu na praia e logo para nosso principal rival. Demos uma de Vasco e nos tornamos vice da Argentina de Messi. Coincidência ou não, o clube da Colina é o time do nosso alcaide, que além de aceitar os jogos por aqui junto com o governador Cláudio capacho, ainda autorizou público no Maracanã em plena pandemia.

Pra quem participou de roda de samba na Lapa sem máscara e sem estar vacinado com as duas doses, não chega a ser surpresa. Mas a submissão de Paes e do cantor *gospel* é desimportante perto do que estava em jogo nesta competição que Co-

lômbia, Chile e a campeã Argentina desdenharam por questões sanitárias para proteger a população.

A organização da Copa América reuniu duas entidades privadas com histórico de corrupção - CBF e Commebol - e o governo Bolsonaro, implicado em suspeita de compra de vacinas com

sobrepção reveladas por testemunhas na CPI. Se militares ou civis, não importa. O que importa é que há gente corrupta ocupando cargos de confiança neste governo. Não poderia existir um trio

melhor para simbolizar o fracasso do Brasil na competição, que mudou de endereço às pressas, numa tentativa de esconder os desmandos, a incompetência e a negligência do governo federal e de alguns governos estaduais no combate à pandemia.

O troféu? Bem, o nome poderia ser Troféu Cloroquina para simbolizar o fracasso e a irresponsabilidade. O ganhador deveria receber ainda uma placa de prata represen-

tando um cemitério apinhado de túmulos para homenagear os 500 mil mortos. O Brasil perdeu muito mais do que a copa chinfrim. O Brasil, representado por seus governantes, perdeu a dignidade. Não adianta promover desfile de motos nas capitais quando a pista está manchada de sangue.





Não estão nem aí

É incrível a insensibilidade das autoridades de saúde do governo estadual do Rio de Janeiro. Em meio à pandemia e às consequências de um platô de casos, em que o número de infectados não sobe mas também não cai, o governador tem a desfaçatez e a irresponsabilidade de mandar fechar dois hospitais de campanha na região metropolitana.

A razão do fechamento é a pendência financeira entre o governo do Estado e a empresa contratada, que foi parar na Justiça, mas os pacientes não têm culpa de tamanha incompetência. Para piorar, sequer pagaram os profissionais de saúde. Durante a remoção de doentes para outros hospitais, um deles veio a óbito.

Quem paga por isso? Essa gente irresponsável e incompetente precisa ir para a cadeia. Lá no Planalto, o psicopata de plantão ri à toa dos desmandos desse aprendiz de governante.





Mamata de caserna

Os vencimentos mensais do ministro da Defesa, general Walter Braga Neto, chegam a R\$ 58 mil, resultado da soma do soldo como general de Exército da reserva e o salário de ministro de Estado. Recentemente uma portaria do presidente da República permitiu que ministros de Estado pudessem acumular o salário com os rendimentos da aposentadoria acima do teto de servidor público, que corresponde ao salário dos ministros do STF.

Esse acúmulo não é ilegal, mas em um país com 14 milhões de desempregados e gente passando fome, chega a ser imoral. Pela postura dos comandantes militares, chamar a atenção publicamente para este privilégio indecente pode ser enquadrado como crime contra a segurança nacional. Matéria do Globo mostra que o governo federal tem hoje 6 mil militares em postos civis, o que equivale a cinco batalhões. Eles também podem ser beneficiados pela portaria se a soma ultrapassar R\$ 38 mil. Quantas vacinas poderiam ser compradas com este dinheiro público?

Lista de eufemismos do governo Bolsonaro

Recebimento de propina por Lorenzoni
Pequeno desvio perdoável

Laranjas do PSL
Companheiros mal orientados;

Intermediação com a milícia por Flávio Bolsonaro
e Fabrício Queiroz
Compra e venda de carros usados

Propaganda ideológica nas escolas
Sugestão infeliz

Sexo no quintal
Encontro com Jesus na goiabeira

Fuzilamento de trabalhador com 80 tiros
por soldados do Exército
Acidente (general Fernando Cruz), incidente (Bolsonaro) e
bobeada (general Augusto Heleno)

Intervenção na Petrobras
Decisão não razoável

Isso sem falar nos conges e nas rugas do moroguês.

Curtinhas...

Se você quer aprender a falar inglês, não se matricule no curso Wizard. Lá você só vai permanecer em silêncio.¹

Parabéns Gaviões da Fiel e torcida do Palmeiras que disse não aos fascistas na Paulista. Vocês são campeões da democracia.

Supositório de cloroquina. Indicado para psicopatas, amigos de miliciano e ex-atleta falastrão. Um salto para o futuro incerto.

Recomendado pelo senador nazista.

Cultura e arte andam de braços dados. A cultura rege a arte e não a Duarte.

Lema do bolsonarismo. Mentira acima de tudo. Fake news pra cima dos tolos.

Só existe uma coisa pior do que a incompetência no poder público. É quando ela vem acompanhada da arrogância.

Hoje na CPI o senador Heinze mostrou que, além de nazista, atropela o idioma. Disse 3 vezes: “houveram campanhas”.

Fica terminantemente proibido dizer ou insinuar que existem militares corruptos ou beneficiários de valores indevidos. Só civis.

Do jeito que Bolsonaro se comporta durante a pandemia, alguém deveria investigar se ele ganha comissão na venda de caixões.

Bozo quer mudar Bolsa Família e procura um nome identificado com ele. Como é tempo de festa junina, que tal Bolsa Quadrilha?

“Se Bolsonaro descobrir que os chineses inventaram a pólvora, mandará suspender a compra de munição do Exército.”

Fernando Gabeira

¹ Vale informar que o curso de inglês Wizard não mais pertence a seu fundador.

O Natal e as vacinas

Diante da praça São Pedro esvaziada pela pandemia, Francisco recorda uma passagem do evangelista Marcos sobre a tempestade e prega a esperança e o combate ao egoísmo. “A tempestade nos mostra que não somos autosuficientes, mas com Jesus a bordo não naufragamos”.

Tomo a liberdade de aproveitar a metáfora do papa e dizer que, em plena pandemia, nossa boia deve ser a vacina. Assim como no naufrágio do Titanic, não haverá boias para todos, pelo menos em um primeiro momento. É preciso criar escalas de prioridades.

Francisco exalta a coragem anônima dos profissionais de saúde, que se expõem em holocausto para salvar vidas também anônimas. Eles precisam ter direito às primeiras boias, assim como os idosos de mais 75 anos, sobretudo - a meu ver - os mais pobres, que dispõem de menos defesas sociais.

A homilia do papa serve de resposta às solicitações intempestivas por prioridade na vacinação encaminhadas à direção da Fiocruz pelo Superior Tribunal de Justiça e, mais tarde, pelo Supremo Tribunal Federal. A Fiocruz não precisou esperar a homilia do papa. Bastou recorrer

ao senso de justiça para rejeitar os pedidos. Logo os tribunais superiores, que deveriam zelar pelo princípio da igualdade perante a lei, correm sorrateiramente atrás de privilégios.

Os recados do papa Francisco e da Fiocruz fazem parte do mesmo universo de solidariedade e igualdade pregados por Jesus de Nazaré há 2 mil anos. Quando os homens da lei se consideram superiores aos de-

mais, estamos diante novamente de Poncio Pilatos e dos indultos de Natal para gente como Barrabás.



Morre um poeta

A cabo de saber da morte do Gilson Secundino, 68 anos, um poeta botafoguense que vendia livros usados no *campus* da UFRJ em Botafogo, quase em frente ao charmoso restaurante Sujinho. Gilson tinha sido paciente do Pinel e recebeu passe livre para frequentar o *campus* e amealhar algum dinheiro que bancasse as despesas pessoais. O problema é que não sabia avaliar os preços dos livros que vendia. Uma vez garimpei um exemplar com fotos do Rio de Janeiro e me deparei com o preço na contracapa: R\$ 5,00. Paguei o dobro e ainda saí de lá com complexo de culpa.

Na última vez que almocei no Sujinho com Mariana, ex-aluna do Instituto de Psicologia, levei de presente uma camisa alvinegra. Nas costas o número 7 de Garrincha, Jairzinho e Maurício. Gilson olhou, agradeceu e comentou: “Pena que não é a cinco”. Fiquei curioso pra saber qual o jogador de quem ele era fã do dono da camisa 5. Pampolini? Carlos Roberto? Seedorf? Nada disso. Acertou quem pensou em Nei Conceição, volante habilidoso dos anos 60/70, craque e *gauche* no tempo e no futebol, até hoje amigo de peladas de Afonsinho em Paquetá. Fiquei de conseguir uma camisa cinco, com o autógrafo de Nei, mas a pandemia não deixou.



Não me recordo de encontrar na bancada de Gilson livros de Lima Barreto, antigo hóspede do hospital psiquiátrico a 100 metros do Pinel. É lá que hoje fica a Escola de Comunicação da UFRJ, onde fiz mestrado e doutorado.

Gilson e Nei Conceição formariam um belo meio de campo em General Severiano, ali do outro lado da rua. Um escrevia poemas, o outro poetava com a bola nos pés. Boa viagem, querido livreiro botafoguense.

O pessoal da Psicologia da UFRJ fez uma vaquinha e bancou o funeral do Gilson no cemitério do Caju. Lá se foi um craque da poesia.



Soldadinhos de chumbo

Uma das partes mais complicadas na produção de um telejornal costuma ser a passagem. Não pela gravação em si, mas por se tratar do momento em que o repórter aparece em destaque.

Na matéria sobre o desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19 que foi ao ar no jornal Hoje desta quinta-feira, para simular a eficiência da vacina, o repórter exibiu numa mesa um grupo de soldadinhos de plástico armados de um lado, e do outro lado um pequeno grupo de soldadinhos também armados.

Os combatentes eram verdes e o inimigo coronavírus – ganha um doce quem adivinhar a cor – bingo, vermelho. O besteirol repete a ideia de que o combate à pandemia é uma guerra e a vacina seria

a arma mortal. Este combate tem que ser comandado por soldados, ou seja, militares. Isso foi ar no momento em que o País está há dois meses sem ministro da Saúde e com o ministério infestado de militares da ativa, absolutamente ignorantes em matéria de saúde pública.

Essa brincadeira é de um mau gosto típico de Bolsonaro e sua tchurma. Pior: a passagem foi vista pelo editor de texto e a matéria foi aprovada pelo editor-chefe em São Paulo, justamente o estado com maior número de óbitos. A matéria comprova a máxima segundo a qual a produção de um telejornal é coletiva. E o besteirol também. Está no minuto 28 do telejornal. <https://globoplay.globo.com/v/8686571/programa/>





Preconceito contra idosos

Antropóloga Miriam Goldenberg afirma que a pandemia tem contribuído para aumentar o preconceito contra idosos no Rio de Janeiro. Casos de quebra de autonomia, abuso patrimonial e até mesmo maus tratos. Seriam eles os grandes responsáveis pela necessidade de isolamento social. Afinal de contas, são mais vulneráveis à Covid, dizem os infectologistas.

A História mostra que, em qualquer pandemia, o vírus letal que mais se alastra é o do preconceito. Na peste bubônica, foi assim contra os miseráveis, contra as feiticeiras, os forasteiros e os judeus. O Bolsonaro da Idade Média não dispunha de redes sociais, mas tinha outras ferramentas da ignorância, como por exemplo as crendices e a religião.

O curioso é que velho como Bolsonaro costuma cuspir no prato em que comeu. Também pudera, quando adoece tem hospital de qualidade à disposição, equipe médica e testes à vontade. Tudo de graça. Com essa mamata toda, é fácil ter “gripezinha” e condenar a vacina, cujos

resultados preliminares dos testes da Universidade de Oxford apontam como animadores, sobretudo entre os idosos. Nas ruas do Rio ouvem-se queixas sobre a decisão do TSE de conceder prioridade a eles para votar no dia 15 de novembro, entre 7h e 10h. Se naquele domingo fizer sol, as queixas devem aumentar.

O título da matéria do Globo desta segunda-feira, assinada por Ana Paula Blower e Raphaela Ramos (com supervisão de Eduardo Graça), avisa que “a velhofobia saiu do armário”. Na verdade, a velhofobia é tão antiga quanto as pandemias. Em muitas famílias, o velho só serve para receber o dinheiro da aposentadoria no quinto dia útil de cada mês. Depois ele volta para o fundo do armário como roupa usada que não tem mais serventia.

Na dramaturgia, quem melhor trata essa questão é o teatrólogo Naum Alves de Souza em “No Natal a gente vem te buscar”. No cinema, Carlos Saura, com “Mamãe faz 100 anos”. Imagino como será o Natal este ano sem dinheiro, sem vacina e, pior ainda, sem afeto.

Pavão Azul

Sábado nublado, uma réstia de sol, duas doses de vacina aguardando a terceira, tomamos coragem Alda e eu e fomos almoçar com o filho caçula em Copacabana. O lugar escolhido pelo André não poderia ser melhor, após o fechamento do Cervantes. Há uns três anos não ia ao Pavão Azul.

Nesse tempo a esquina da Hilário Gouveia com Barata Ribeiro virou um point de gastronomia, com mesas na calçada para simular distanciamento social. O Pavão deu filhotes e hoje concentra um monte de aves etílicas, do Azul ao Pavão Black. Jardim zoológico perde.

Comemos as tradicionais pataniscas e um bobó de camarão muito bem servido. O bobó não era à moda Dallagnol, aquele que você não consegue ver o camarão, mas tem convicção de que ele está

lá. O Pavão Azul faz parte da história do jornalismo carioca. Conta-se que o cronista Antônio Maria, que batia ponto à tarde por lá, fez amizade com alguns policiais da 12ª delegacia. Quando surgia um caso interessante, Maria atravessava a rua praver se a história rendia uma crônica para a Última Hora.

Depois do almoço fomos comer um pastel de nata numa casa de doces portugueses na Galeria Menescal, aquela que tem um abrigo antiaéreo no subsolo porque foi construída durante a 2ª Guerra Mundial. Para

terminar, um reencontro com o marzão de Copacabana, que a gente não via há dois anos. Bem em frente à Figueiredo Magalhães, um imenso castelo de areia não nos deixa esquecer dos 600 mil mortos da pandemia.





Cena no metrô

Duasemeiadatarde.Voltandodemetrô da manifestação “Fora Bolsonaro” no Centro. Dois agentes de segurança com aquele uniforme preto que faz lembrar a milícia nazista da SA circulam pelos vagões. Na minha frente três meninas de uns 10 anos com roupas simples se amontoam no banco reservado a idosos e deficientes físicos. O metrô não está cheio e há alguns lugares vazios.

Diante da aproximação do agente, penso: ele vai implicar com as garotas. Para minha surpresa um deles passa e se dirige educadamente: “Boa tarde, meninas, por favor ponham a máscara”. A garota com a máscara arriada no queixo obedece e a mantém, mesmo depois que os guardas seguem para outro vagão. As aparências enganam. Existe sim luz no fim do túnel... Pelo menos no túnel do metrô carioca.



Pequena virou estrela

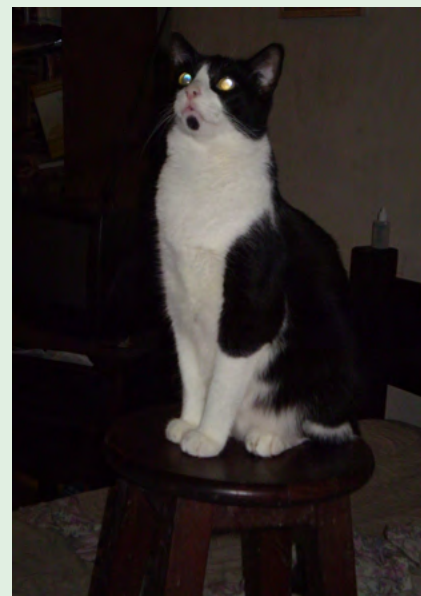
O céu dos gatos ganhou hoje uma princesa. Seu nome, Pequena; cor, preto e branco, humor, meio geniosa, meio carinhosa. Viveu 15 anos e seis meses até o câncer levá-la de vez para se reencontrar com o amigo Bolinha, que viajou 10 anos atrás.

Foi André que a resgatou na Rua das Laranjeiras numa segunda-feira de Carnaval. Ele tinha 11 anos, ela, uns dois meses. O rabo partido denunciava que sofrera algum acidente ou maldade. Não se sabe se nasceu no Instituto de Educação de Surdos ou se fez parte de uma ninhada abandonada.

Ganhou o nome de Pequena pela razão óbvia do tamanho, mas conquistou espaço enorme no coração da casa. Nos primeiros anos, sugava o pescoço da Alda como quem procura o leite materno que lhe foi negado. Nos últimos dias não abria mão do meu colo e do poncho, para se aquecer nestes dias frios do inverno carioca.

Pequena, vira-lata com *status* e personalidade de princesa. O olhar profundo e desafiador parecia indicar que ali estava um ser humano sobrevivente, uma moradora de rua que buscava abrigo, como milhares que existem por aí, de duas ou quatro patas.

Pequena vai deixar saudade e seu cantinho de dormir na entrada da casa permanecerá vazio. Sim porque, como mais velha, tinha o respeito dos felinos mais novos na hierarquia dos animais de estimação. Pequena virou estrela na constelação dos gatos. Basta olhar pro céu e vislumbrar lá no alto cintilante o brilho garboso de seus olhos.





Um passeio no tempo

Eureka. Hoje de manhã tomei a dose de reforço da grife Pfizer, aquela mesma que a quadrilha do Bolsonaro ignorou no início da pandemia. Da chegada ao portão principal do Palácio do Catete até o pico no braço não demorou mais do que 20 minutos. A moça que me vacinou é uma gaúcha da cidade de Ijuí, perto de Santa Maria da Boca do Monte.

Vacina no braço, máscara no rosto, fui matar saudade de uma coisa que faço desde criança. Passear pelo parque arborizado e cheio de lagos, numa extensão que vai da Rua do Catete à Praia do Flamengo. Antes ia com meus pais, depois levava os filhos e algum dia espero acompanhar os futuros netos. Mas hoje estava sozinho. Como é bom sentar num banco de madeira e ouvir os passarinhos e os marrecos.

O palacete, idealizado por um arquiteto alemão, foi construído em meados do século XIX para ser residência de um rico fazendeiro de café na região serrana que ganhou do imperador Pedro II o título de Barão de Nova Friburgo. Com a morte do barão justamente no ano da proclamação da república, virou hotel de luxo durante curto tempo até ser adquirido pelo então vice-presidente Manuel Vitorino. Com o afastamento

por doença de Prudente de Moraes em 1897, Vitorino passou governar o país da própria casa, instituindo o costume do home-office em pleno século XIX. Foi lá que o Brasil declarou guerra à Alemanha em 1917 e também onde morreu Afonso Pena. O tiro no peito de Getúlio Vargas que mudou a História (ou melhor, adiou o golpe militar por 10 anos) foi o último episódio importante da História do Brasil de que o palácio foi palco.

Sou um mero figurante daquele palacete. Nasci cinco meses antes do tiro, o parque era um dos meus lugares preferidos quando criança e o lançamento do meu primeiro livro - “Manobras da informação” - aconteceu na varanda do Museu da República. Hoje de manhã, no banco de madeira em meio à crise sanitária com 600 mil vidas perdidas e o aumento da miséria, me pego pensando. Será que Bolsonaro seria capaz de mudar nossa História repetindo o ato de Getúlio? Não. Ele não tem coragem para tanto. Não passa de um milico covarde, que queria explodir o próprio quartel do Exército onde servia e matar seus colegas de farda, porque achava que o salário era baixo demais. Mas se ele o fizesse, já teríamos a epígrafe pronta: “Saio da vida para entrar na História pela porta dos fundos.”



Flávio Porcello, gente boa

A covid me levou mais um amigo. Aos 70 anos, o jornalista Flávio Porcello, professor da Universidade Federal do Rio do Sul, viajou após 38 dias de internação em Porto Alegre. Há pessoas que a gente não encontra todos os dias, mas quando se esbarra parece que foi ontem, tal a identidade e a comunhão de ideias. Como disse Luiz Ferraretto, colega de UFRGS, Porcello era o tipo de pessoa que comemorava a conquista dos outros, tal o despojamento.

Há pouco mais de um mês eu o convidei para participar de um programa no canal do youtube da ABI em homenagem ao Botafogo. No futebol, Porcello tinha duas paixões: o Grêmio e o clube de Garrincha, Didi e Nilton Santos. Ele disse que não poderia tomar parte ao vivo, mas deixou gravado um depoimento, onde revelava que se tornara botafoguense ainda

criança porque este era o nome do seu principal time de botão.

Mais uma coincidência entre a gente. Bem humorado como sempre, disse que passaria o fim de semana prolongado no único lugar em Santa Catarina livre de bolsonaristas: uma ilha deserta.

Tínhamos marcado uma partida de botão quando ele viesse ao Rio ou eu fosse a Porto Alegre. O jogo foi adiado, mas ainda vamos nos enfrentar um dia. Vá em paz, tchê.

Vale a pena acessar o discurso de formatura da turma de Jornalismo de 1977 na UFRGS, escrito e lido pelo aluno Flávio Porcello. A voz da gravação é do professor e amigo Luiz Artur Ferraretto.

<https://www.facebook.com/10000025581115/posts/5321647921187016/?app=fbl>

Foto: vídeo exibido no Jornal do Almoço/RBS -
Fonte: GloboPlay

FLÁVIO PORCELLO

* 6/10/1951

† 07/11/2021





Carrocinha vazia

A carrocinha de pipoca do IACS ficou órfã. Morreu Sebastião Figueira Diniz, o pipoqueiro Tião, respeitado pela comunidade do Instituto em seus mais de 35 anos de serviços prestados. Natural de São Fidélis, Tião morava em São Gonçalo. Na gestão do professor Antonio Serra, conquistou o direito de guardar a carrocinha no pátio do IACS.

Nada mais justo. O cotidiano de um lugar como o Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF não se preenche apenas com alunos, servidores e professores. Conta também com pessoas que ajudam a construir o afeto, algo que não faz parte do estatuto, nem do regimento da Universidade, mas carrega uma importância significativa porque faz parte da memória do ambiente.

A jornada de trabalho de Tião começava no meio da tarde, com a saída dos alunos de um colégio particular no bairro do Ingá e terminava no IACS. por volta de 21h30min. Nos fins de semana, levava a carrocinha para o campo de São Bento. Eu gostava de conversar com ele enquanto aguardava a carona da Larissa ou da Flávia. Comprava um saco de pipoca doce e jogava sal, hábito que

aprendi com o professor e amigo Dante Gastaldoni quando éramos estudantes.

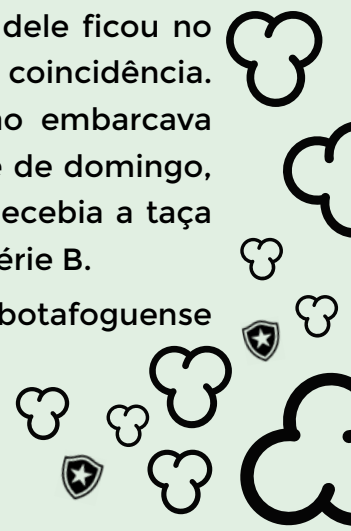
Certa vez os alunos me contaram que Tião tinha simpatia pelo então presidente José Sarney em pleno fim de governo. O fato inusitado me fez convidá-lo a dar entrevista na turma de Técnica de Redação, que trabalhava com perfis. Pena que não tenho mais estas matérias. Em

2008, quando o IACS completou 40 anos, fizemos uma festa num sábado à tarde. Eu era vice-diretor e decidi contratar o Tião para oferecer pipoca de graça aos participantes, alguns deles crianças, filhos de ex-alunos. Foram os 200 reais mais

bem pagos de minha vida. Tião morreu domingo de infarto.

Fico pensando como terá sido a vida do Tião nestes quase dois anos, sem poder exercer seu ganha-pão. Ele é uma vítima indireta da pandemia. Tenho certeza de que o coração dele ficou no IACS enquanto bateu. Que coincidência. No momento em que Tião embarcava para o céu no fim de tarde de domingo, no Engenhão o Botafogo recebia a taça de campeão brasileiro da série B.

Boa viagem, meu amigo botafoguense de São Fidélis.



A menina do pastel

Sexta-feira, de volta da vacina de reforço, faço um pit stop na lanchonete Rico, na esquina da Rua do Catete com Dois de Dezembro. Peço 300 gramas de pastel sortido e um refresco de abacaxi com hortelã. De repente o supervisor avisa ao líder do balcão. “Faz aí um pastel aberto sem recheio”. O pedido soa insólito aos ouvidos do pasteleiro. A moça da limpeza larga o rodo por instantes e esclarece. “É pastel de vento”.

Poucos minutos depois desembarca no balcão um pastel aberto sem recheio. Lembrei de minha avó Chiquita, que adorava fazer pastel de vento na cozinha lá de casa, não por economia de recheio, mas por mero prazer. Uma delícia quentinha. Costume mineiro? Não sei, mas a cena despertou a curiosidade neste repórter aposentado. Afinal, quem teria pedido pastel de vento nesta altura do campeonato no Rio de Janeiro em pleno século XXI?

Não demora muito e vem a resposta da garçonete. “A menina é autista e não come nada fechado”. Na saída, me deparo com a mesa de uma garota com uniforme escolar degustando o pastel de vento diante dos olhos satisfeitos da mãe. Consulto a psicóloga caseira Mariana, que explica: autistas podem ter

hábitos incomuns que não têm nada de preocupantes. quando a gente aprende a entendê-los.

De toda esta história o que mais me surpreendeu foi o cuidado dos funcionários da lanchonete, que de forma anônima deram um exemplo de tolerância e respeito à diferença. Por alguns instantes o gesto me fez sentir na Suécia.



Ilustração: Claudia Sobral



Entre a cruz e a espada



Foto: Capa do Jornal de Brasília em 19 de março de 2020 | reprodução parcial.

Em 11 de março fez dois anos que o primeiro brasileiro morreu vítima da Covid-19. Morador em São Paulo, tinha vindo da Itália, onde foi contaminado. Em dois anos de pandemia, foram 654 mil vidas perdidas e 29 milhões de contaminados. Nenhuma guerra, nem uma doença matou tanta gente no Brasil em tão pouco tempo.

Também pudera. Com um governo digno do Exército de Brancalione, em que generais e coronéis, reformados e da ativa, ocuparam postos-chave do Ministério da Saúde sem qualquer qualificação profissional e afastaram técnicos experientes, sob o pretexto de que eles não sabiam administrar crises. As autoridades ampliaram o número de vítimas, por irresponsabilidade e incompetência. O general Eduardo

Pazuello admitiu que não sabia como funcionava o SUS (Sistema Único de Saúde), o coronel Élcio Franco titubeou na hora de encomendar vacinas. Os dois parecem não se terem comovido com as mortes em série em Manaus por falta de oxigênio, em janeiro de 2021.

Essa gente, desqualificada em saúde pública, não envergonhou apenas as Forças Armadas. Envergonharam o Brasil e saíram de fininho pela porta dos fundos, como se nada tivesse acontecido. E ainda tiveram o cinismo de dizer: “missão cumprida”. Como se não bastasse, temos um presidente que desdenhou da pandemia, chamando-a de “gripezinha”, enquanto milhares de brasileiros morriam nos hospitais por falta de medicamentos ou nas filas, por falta de leitos. Esse presidente, que usou o nome de Deus em vão para se eleger, imitou publicamente os pacientes que morriam por falta de ar. Ato de um sujeito que não respeita a vida de seres humanos.

Ainda vivemos a pandemia, com média de morte diária de 200 pessoas, desemprego, carestia, combustível nas alturas, e ainda tem gente que, segundo as pesquisas recentes, anunciam que pretendem votar no miliciano. Sinceramente, dá nojo.

Vendo esse cenário, podemos entender por que temos tantos grupos neonazistas no país.



Quarta-feira de cinzas

O dia amanhece e logo vem à cabeça automaticamente a expectativa da apuração do desfile das escolas no sambódromo. O torcedor do América Jorge Perlingeiro e suas notas gritadas ao microfone para alegria ou tristeza de quem deixou o suor na avenida. “Só se for agora”, diz o refrão do veterano apresentador, filho de Aérton Perlingeiro, criador do “Almoço com as Estrelas, um dos programas mais longevos da televisão brasileira, na TV Tupi, no sábado à tarde.

Não, este ano não tem essa de só se for agora. É só ano que vem. Esta quarta-feira tem cheiro e jeito de cinzas que ainda não foram queimadas. A única tradição que resta é a Campanha da Fraternidade, que desta vez une a Igreja Católica e igrejas protestantes contra a incompetência do Governo Bolsonaro no combate à pandemia e na omissão contra o preconceito de gênero. Suspenderam a festa e também a vacinação. Idosos

com menos de 83 anos seguem na fila, à espera de novas doses que os oficiais incompetentes do Ministério da Saúde não se organizaram com antecedência para comprar. Mas a gratificação deles, essa chega sempre sem atraso. Bolsonaro e seus assecclas, com ou sem farda, preferem fazer economia com a vida da população.

É a necropolítica praticada por quem não tem compromisso com a vida humana. Quem não morrer na fila da vacina ainda tem a chance de morrer pelas armas que o Capitão das Trevas acaba de autorizar por decreto, atropelando o Congresso. O objetivo é preparar suas milícias para um eventual resultado negativo nas eleições de 2022.

“Não deixe o samba morrer/
não deixe o samba acabar/
o morro foi feito de samba/
mas sem vacina não dá pra sambar.

Carnaval do xixi

“Se a única coisa de que o homem tem certeza é a morte; a única certeza do brasileiro é o carnaval do próximo ano”.

A frase de Graciliano Ramos, ex-prefeito de Palmeira dos Índios (Alagoas), molhou o samba em 2021, mas este ano tropeçou nos surdos de repique, tamborins e agogôs das escolas de samba. Teremos desfile de escolas no sambódromo, de iluminação nova e tudo. Nunca na história deste país a Quarta-feira de Cinzas veio antes da folia. No caso do Carnaval de 1921, pós-gripe espanhola, foi diferente. Os foliões cariocas anteciparam a festa, que começou logo em janeiro e se estendeu até março, como se fosse a última em Pindorama antes da Semana de Arte Moderna.

Paespalhão está certo em autorizar o desfile. Deu uma força para os bicheiros da Liesa e ainda ajudou centenas de artesãos que contam com este trabalho extra para sair do sufoco. Numa época de desemprego recorde, talvez para muitos o bico na retaguarda do desfile seja a única fonte de sobrevivência. São costureiras, sapateiros, chapeleiros, aderecistas, maquiadores, ferramenteiros, soldados, carpinteiros de carros alegóricos e lutiês, além da turma do faz-tudo. A indústria



hoteleira, os donos de bares e a TV Globo também agradecem.

Mas não se iludam. O vírus continua aí rondando o sambódromo, talvez mais contagiante do que a alegria. Quando menos se espera, atravessa a avenida, desconcentra as alas, empurra portabandeira e o mestre-sala, dá um toco na rainha da bateria e desafina o samba. Atenção, Velha Guarda. Favor manter distância da Prevent Senior.

*“Este ano não vai ser igual
àquele que passou/ Eu não
brinquei/ Você também não
brincou/ Aquela fantasia que eu
comprei ficou guardada/ A sua
também ficou pendurada.”*

A marchinha do carnaval de 1968, da dupla Humberto Silva-Paulo Sette, cantada por Marcos Moran, pode continuar valendo para os blocos de rua. A prefeitura do Rio não autorizou, nem deu suporte de carro de som e banheiros públicos para o desfile dos grandes blocos, mas prometeu não reprimir. Moral da história: alguns lugares da cidade, como a Pequena África e outros pontos do Centro, ficaram cheirando a xixi. Até o Manequinho do Botafogo ficou envergonhado.

Alguém poderia compor a marchinha “Xixidade Maravilhosa/ cheira em cantos mil”.

Paespalhão prefere ficar em cima do muro. Entregou as chaves da cidade ao Rei Momo e foi tocar seu tamborim em Maricá. Como todo político folião, não quer ficar mal com a turma dos pequenos blocos de rua em ano eleitoral. Até rimou.

Em São Paulo a prefeitura quer que o Carnaval seja adiado para julho, logo depois das festas juninas. Imagina as baianas pulando fogueira e a comissão de frente soltando balão. Vão incendiar a Avenida Paulista.

O Carnaval fora de época periga antecipar a campanha com marchinhas de 1950, eternizada por Francisco Alves.

*“Bota o retrato do velho outra
vez/ Bota no mesmo lugar/
O sorriso do velhinho faz a gente
trabalhar”.*

A Suderj informa: sai o velhinho de São Borja, entra o velhinho de Garanhuns.

Mensagem final

**“Deus não está acima de todos.
Deus está no meio de nós”**

padre Júlio Lancelotti
@padrejulio.lancelotti



**Este E-Book foi concebido
durante a Pandemia de Covid-19.
Está composto com tipografias
Montserrat e Franklin Gothic.**

Mais uma dose, é
claro que eu tô a fim

#VivaoSUS

